

## O Dia em que a História Mudou

Na noite de 30 de novembro de 1966, 90 mil pessoas testemunharam um dos maiores feitos do futebol brasileiro. O Mineirão foi palco da inesquecível vitória do Cruzeiro sobre o poderoso Santos de Pelé. Em meio à euforia da multidão e o impacto do resultado, um garoto de 10 anos viveu uma noite que marcaria sua vida para sempre. Hoje, como um dos poucos sobreviventes daquela histórica final da Taça Brasil, ele relembra não só o jogo, mas as pequenas e poderosas memórias familiares que fizeram daquele dia algo muito maior do que apenas futebol.

Pág. 3

## As Primeiras Expedições aos Sertões do Brasil Colonial – 350 anos da Bandeira de Fernão Dias

Desde o início da colonização, o governo português explorava os sertões do Brasil. Pioneiros como André de Leão e Fernão Dias Paes abriram trilhas no século XVII, levando à descoberta de riquezas mineiras e à expansão do território. Suas expedições impulsionaram o povoamento de regiões marcantes na história do país. Conheça mais sobre essas ousadas jornadas em busca das míticas esmeraldas.

Pág. 4



## UM ESPETÁCULO DA NATUREZA

Agosto e setembro trazem a breve, mas deslumbrante, florada dos ipês-amarelos, que enche ruas e campos de cor. Nas cidades, eles são reencontros esperados, e nas estradas rurais, surgem como um exército dourado. Efêmeros, lembram-nos da beleza fugaz da natureza, espalhando seu brilho até o vento levar suas pétalas.

Pág. 9

## Picolé Nutritivo Desenvolvido em São João del Rei Auxilia Pacientes Oncológicos



Alunas e professores de uma faculdade em São João del Rei criaram um picolé funcional para aliviar os desconfortos da quimioterapia e radioterapia. Com propriedades anti-inflamatórias e ricas em nutrientes, o produto oferece alívio e nutrição aos pacientes oncológicos, unindo sabor e saúde em uma alternativa acessível.

Pág. 14

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



# PREÂMBULO

## SENTIMENTO OCEÂNICO

Um amigo de Freud, com quem mantinha assídua correspondência, falou-lhe do “sentimento oceânico” – a sensação de que estamos – e somos – do mundo, que somos o mundo, formando uma unidade com todos os nossos semelhantes, com todos os seres, com toda a natureza. De que não estamos sós, mas compomos uma família, fazemos parte de toda a Criação. O célebre cientista, em resposta, manifestou sua frustração por não ter a capacidade de ter tal sentimento.

Só melhoraremos as condições sociais, econômicas, políticas do mundo quando – e se – desenvolvermos o senso de coletividade, de que somos agentes e construtores de uma nova ordem embasada no respeito, reverência a tudo o que existe no mundo e a todos, sempre sob a regência da Criação Divina. A aparente utopia de uma sociedade igualitária se fará pelo nosso esforço consciente, reformador, de valorização e potencialização das pessoas e da natureza.

A experiência da integração, da harmonização nos torna mais influenciados, propensos ao crescimento individual e coletivo. Ou seja, o desenvolvimento sustentável, em que o humanismo, a equidade, a mutualidade, a solidariedade permeiam todas as relações, inclusive os negócios, transações comerciais e afins.

Nada se faz sem esforço, sem planejamento, sem a busca pela excelência e principalmente sem ética. Todo projeto, pois, exige-nos muito trabalho, determinação, profissionalismo, disciplina. Precisamos – e isso vale em especial para dirigentes e lideranças – que todos tenhamos o senso de pertencimento, de lealdade, de comprometimento e alinhamento às propostas apresentadas, ou seja propósitos em prol do bem comum. Importante dotarmo-nos sempre do autoconhecimento, autoestima, bom relacionamento, de forma a nos qualificarmos, nos aprimorarmos, desenvolvermos e ampliarmos habilidades, nos estruturarmos emocional, moral e intelectivamente, sempre em favor das boas causas, lembrando que frequentemente atuamos sob pressão psicológica e ambiental e de que os riscos nos rondam a cada instante.

A inteligência relacional é, por sua vez, nos dias atuais, uma das melhores ferramentas e habilidades a serem empregadas, permitindo-nos mobilizar pessoas e recursos em proveito do interesse comum, exigindo-nos, contudo, e concomitantemente, criatividade, proatividade, inovação, objetividade de resultados. Urge, pois, termos como cidadãos, uma postura de vanguarda, comprometimento, de nos conduzirmos de forma operosa, íntegra, ainda que em meio ao caos reinante, pois o que conta e perfaz é nossa mobilização, nosso bom combate em prol do desenvolvimento econômico, social, cultural do meio, de edificação de uma sociedade com melhores oportunidades aos seus membros – mais justa, solidária, pluralista, democrática, igualitária e com menos contrastes e iniquidades.

## Adivinhas/Charadas



- 1- Por que a planta não responde?
- 2- Qual o alimento mais sagrado que existe?
- 3- O que é, o que é? Quanto mais rugas têm mais novo é.
- 4- O que é, o que é? Quanto mais se perde mais se tem.

**Respostas:** 1. Porque ela é mudinha; 2. O amém doim; 3. O pneu; 4. O sono.

## Provérbios e Adágios

- Se quiser derrubar uma árvore na metade do tempo, passe o dobro do tempo amolando o machado.
- Quem anda com cachorro, tem vida de cão.
- Examinar com o cuidado de quem desembaraça fios de seda.
- Já percebeste como são pequeninos os grãos de areia? Contudo, postos num navio, fazem-no afundar.

*Provérbio Chinês*

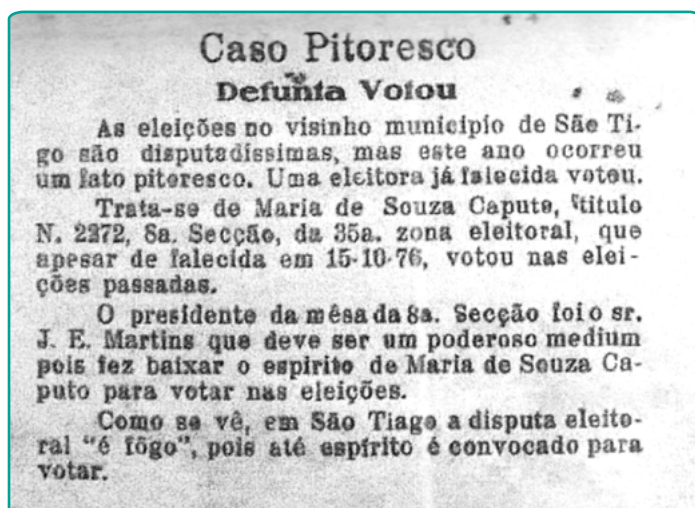
*Santo Agostinho*

## Para refletir

- A vitória mais bela que se pode alcançar é vencer a si mesmo.
- Quem semeia joio, não colherá trigo.
- Eis que sucumbe o que não tem a alma íntegra, mas o justo vive por sua fidelidade.

*Santo Inácio de Loyola*

*(HC 2, 1-4)*



**Fonte: Jornal: O Juvenil nº 2946 – 22/11/1976**

## Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.



[credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br](mailto:credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br)

**Comissão:** Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle  
**Coordenação:** Ana Clara de Paula  
**Redação:** João Pinto de Oliveira  
**Colaboração:** IHG – São Tiago  
**Apoio:** Maria Luiza Santiago de Paula  
**Revisão:** Fábio Caputo e Sandra Caputo  
**Jornalista Responsável:** Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)



# Sobreviventes

Belo Horizonte, Mineirão, ou Estádio Governador Magalhães Pinto, 30 de novembro de 1966, uma quarta-feira às 21 horas, público pagante de 77.325 pessoas e público total estimado de 90.000, para uma renda de CR\$223.314.6000,00 na generosa moeda da época. Este foi um Dia Inesquecível e acredito que eu seja um de seus últimos Sobreviventes: aqueles que estavam presente, que viram o espetáculo, que sentiram as emoções e ainda seguem carregando as memórias.

A circunstância era a 1ª partida da final da Taça Brasil daquele ano, entre os times de futebol do Cruzeiro de Belo Horizonte e o time do Santos, da cidade de mesmo nome. A Taça Brasil era o que melhor se aproximava de um campeonato nacional. Era um torneio curto, de expressividade relativa que tentava de uma forma simplória aos olhos de hoje expandir a representatividade de outros estados da federação além de Rio de Janeiro e São Paulo, óbvios em sua posição de alto prestígio. Como o assunto desta resenha não tem caráter esportivo ou um viés de torcedor sobre um jogo de futebol e sim sobre frações da vida de algumas pessoas que decidiram estar ali naquele momento, é possível condensar as informações sobre a partida em um resumo despretensioso.

O Santos de Pelé, ainda hoje assim chamado em deferência à grandeza de seu principal jogador, já era um time consagrado, o melhor do mundo, bicampeão da Copa Libertadores da América e do Mundial Interclubes e soberano no futebol brasileiro. O Cruzeiro de Tostão, por sua vez, era um time jovem, emergente, promissor e de muita qualidade surgido dentro do inexpressivo futebol mineiro e catapultado pela construção do Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, inaugurado em 1965.

Este jogo em particular fez o papel de sinalizador de mudanças inevitáveis, exercendo uma significativa influência na montagem do futuro do futebol brasileiro. O resultado do jogo foi 6X2 a favor do Cruzeiro, com assombrosos 5x0 no primeiro tempo, principalmente pelo status máximo do adversário. Uma semana depois os mineiros conquistariam o título vencendo por 3x2 o segundo jogo no Estádio do Pacaembu, São Paulo. A FIFA, em 2021, em suas redes sociais publicou uma menção comemorativa de 55 anos do acontecimento que se constituiu “numa das surpresas mais impressionantes do futebol brasileiro”.



O Velho Mineirão – Fonte: otempo.com.br

Minha família estava presente neste jogo: meu pai José, minha mãe Geralda, minha avó paterna Dona Nuna, mulher do Preste e eu, um garoto de 10 anos iniciando o aprendizado e o convívio com o futebol profissional. Minha avó entre meus pais e eu do lado. O ritmo fantástico e alucinante do jogo, com ataques contínuos do Cruzeiro principalmente no primeiro tempo, fazia com que o público se levantasse e sentasse o tempo todo para melhor observar a movimentação em campo. Meus pais, um de cada lado, seguravam minha avó pelos braços e a impulsionavam para cima e depois do término da jogada ofereciam o



Time do Cruzeiro – Fonte: mg.superesportes.com.br

suporte para a segurança da descida. Sem este auxílio, minha avó, sendo avó, não teria condições físicas para tanto esforço.

Qualquer Dia Inesquecível é exigente em suas demandas para constituir-se como tal, projetando seu destino. Ele precisa de tempo para maturação: mesmo sendo notória a sua importância e nobreza de nascimento ele somente se consolidará no futuro quando não for tratado com a trivialidade do dia a dia ordinário, alcançando, vez por outra somente, a perspectiva de sua excepcionalidade. O Dia Inesquecível também exige daqueles que o presenciaram uma boa dose de experiência, bagagem de referência, algumas cicatrizes de vida e uma noção do mundo e existência. Ou seja, aquilo que nos classifica quando começamos a ser um embrião de Sobrevivente. Antes, sem o entendimento da magnitude do que estávamos presenciando, assustamos quando nos cobram uma parcela de euforia que, naquele instante, em condição de apatia inocente, não temos como retornar.

As narrativas de futebol tem a sua demagogia, sua grandiloquência, sua capacidade escancarada de criar e contar narrativas heroicas e epopeias sem lastro com naturalidade e sem freios. É possível o convívio com isto sem maiores sacrifícios, gastando um pouco de bom senso, um pouco de entendimento do contexto e um pouco de empatia. Entretanto, com orgulho e sem autocensura, o Sobrevivente pode contar e recontar a história deste jogo que realmente foi especial dentro da relativa importância que se pode dar ao futebol, inclusive para aqueles que não acreditam e outros que nem conhecem o tema da conversa.

Sobrevivente só é sobrevivente quando restam poucos. Todos os segundos da história possuem seus sobreviventes no futuro, até o adeus do último. É um pouco desconcertante ser um deles. Acreditava, não sei por qual motivo, que o Tonho Sapateiro, meu primo, filho do Tio Inácio Caputo, também estava no Mineirão naquela noite. Ele me confirmou que infelizmente não teve esse privilégio. Não é absoluto, porém quase certo, que em São Tiago eu sou o último. Espero que não!

É impressionante e paradoxal como esquecemos tantos detalhes de um Dia Inesquecível. Assim, uma dúvida resiste sem retorno: se estávamos no estádio meus pais, minha avó e eu, onde estaria a minha pequena irmã? A caçula não tinha idade para ficar sozinha em casa, os vizinhos não eram tão íntimos para que cuidassem dela e minha outra avó e tias estavam longe. Nunca terei a resposta, pois aqueles que poderiam dá-la já se foram. Esquisitice que segue o caminho no fundo do bolso de um Sobrevivente.

**Fabio Antônio Caputo**

1674 – 2024

# 350 ANOS DA EXPEDIÇÃO DE FERNÃO DIAS

***“Ah, quem te vira assim, entre as selvas sonhando,  
quando a bandeira entrou pelo teu seio, quando Fernão  
Dias Pais Leme invadiu o sertão!”  
(Olavo Bilac – “O Caçador de Esmeraldas”).***

O governo português procurava, desde os primórdios da colonização, melhor organizar as expedições ao interior do País para conhecimento e compreensão mais acurados do território. Já em inícios do século XVII, os sertanistas, a partir das vias e trilhas regularmente utilizadas, há séculos, pelos indígenas (peabirus) tinham um conhecimento básico do que estava “atrás das serras”, ou seja os imensos e desconhecidos sertões. Assim os mapas de Sanson d’Abbeville (1656) e Coronelli (1688) traziam considerável conhecimentos e informações sobre a região dos rios São Francisco e seus afluentes Pará e Velhas.

A expedição de Fernão Dias Paes, saindo de São Paulo aos 21-07-1674, seguiria o percurso da bandeira comandada por André de Leão, esta a qual, a partir de São Paulo, em 1601, por determinação do 7º governador geral D. Francisco de Souza (1550-1611), passando pelo vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira, tinha objetivos de atingir as nascentes do Rio São Francisco. Segundo Edgard de Araújo Romero, o traçado da expedição de André de Leão “ficou indicando o caminho que, setenta e três anos mais tarde, seria trilhado por Fernão Dias” (“Circulação do ouro em pó e barras: as casas de fundição – Anais do Museu Histórico Nacional” vol. III, Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 1942, p. 144).

Idêntica opinião tem o conceituado historiador Basílio de Magalhães ao esclarecer que “praticamente o mesmo é o caminho por ela (a expedição de André de Leão) trilhado que vai, setenta e três anos mais tarde, perflustrar Fernão Dias, em busca da mesma miragem” (“Expansão Geográfica do Brasil Colonial” Série Brasileira, vol. XLV, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935, p. 88). Ainda para Basílio de Magalhães, a bandeira de Fernão Dias “definiu definitivamente as escalas da rota, beneficiando-a para as bandeiras posteriores e, afinal, iniciando o povoamento da região devassada” (op. cit. p. 102) tornando-se, provavelmente, o caminho mais importante do Brasil, talvez da América do Sul, à época. O “homem do nordeste”, assim denominou Basílio de Magalhães a Fernão Dias, dada a direção tomada pelo arrojado bandeirante em seu deslocamento, busca e exploração de minerais preciosos na região da Minas.

A expedição de 1601 – que teve um cronista, Wilhelm Jostten Glimmer – permitiu aos historiadores, dentre estes Eduardo Canabrava Barreiros, delinear o seu itinerário, desde a travessia da Serra da Mantiqueira, o curso dos rios Paraíba, Verde, Grande, Mortes e o encontro com aldeias de indígenas, onde, hoje, provavelmente se localiza Ibituruna, chegando a citada expedição até a região de Pitangui<sup>(1)</sup> (“Roteiro das Esmeraldas – a bandeira de Fernão Dias Paes” Rio de Janeiro, Ed. José Olimpio/INL, 1979, pp. 35/36). É consenso, entre os estudiosos, de que Ibituruna, na travessia do Rio das Mortes, foi o marco ou ponto intermediário para as viagens e expedições que atravessavam a Mantiqueira e buscavam os invios sertões.

Em 1602, uma nova expedição, chefiada por Nicolau Barreto, seguindo o roteiro de André de Leão, o mesmo itinerário seguido, mais tarde, por Fernão Dias, chegou a Guacui (Rio

das Velhas), alcançando Paracatu (Fonte: Orville Derby – “As bandeiras paulistas de 1601 a 1604” Revista do IHGSP, vol. VIII, 1903, p. 400). Inúmeras outras expedições adentrariam os sertões, ao longo do século XVII, como as Diogo de Quadros e Manuel Preto (1605); Martim Rodrigues Tenório de Aguiilar (1606), Belchior Dias Carneiro (1607); Simão Alvares (1610); Antônio Pedroso de Alvarenga (1615), Félix Jacques, Arthur de Sá (1667), Lourenço Castanho Jacques (1668), Matias Cardoso da Silva (1672), Bartolomeu Cunha Gago (1673) em si demonstradas, custosas, cujos itinerários geram discussões e múltiplas interpretações entre os estudiosos, até os dias de hoje. Em busca de riquezas minerais, Fernão Dias saiu de São Paulo atendendo-se a uma ordem expressa do rei D. Afonso VI para que se organizasse uma expedição de alto nível para encontrar a serra das esmeraldas mencionada pelo bandeirante Marcos de Azeredo Coutinho em sua expedição ao Espírito Santo e Minas Gerais (1647). Em declaração à Câmara de São Paulo (1672), Fernão Dias informara que, nas buscas pelas minas de ouro e esmeraldas, “ia aventurar-se pelas informações dos antigos”, provavelmente uma referência ao desbravador Marcos de Azevedo.

**ITINERÁRIO DA BANDEIRA DE FERNÃO DIAS** – A principal fonte utilizada pelos historiadores para o estudo do itinerário da bandeira de Fernão Dias é a obra “História do Brasil” de Robert Southey, que se baseou, por sua vez, em escritos de Pedro Dias Paes Leme, neto do bandeirante, datados de 1757. De acordo com os registros, Fernão Dias estabeleceu roças ao longo de seu roteiro, dentre essas a de Vituruna (Ibituruna) na confluência dos rios Grande e Mortes. A partir daí, Fernão Dias seguiria sempre implantando roças em seu itinerário como Paraopemba, Sumidouro, Esmeraldas etc.<sup>(2)</sup> Pelo que se sabe, expedições anteriores a Fernão Dias, também utilizaram o estratégico local, arranchando-se em Ibituruna, dali seguindo em direção norte/nordeste. É o que se deduz das narrativas de Glimmer (1601), configurando que a expedição de André de Leão teve Ibituruna como ponto (marco) de passagem. Segundo ainda o holandês Guilherme Jostten Glimmer, cronista da expedição de 1601, a partir do pouso ou estância de Ibituruna, estendia-se uma “estrada larga e batida”, provavelmente antiga trilha indígena, que se estendia “em direção norte e depois ao oriente” (Pedro Calmon – “História do Brasil”). O mesmo itinerário palmilhado por comitivas de autoridades coloniais à região das Minas como a do governador geral Arthur de Sá Menezes (1700), a de D. Pedro de Almeida, o Conde de Assumar (1717), a de D. Rodrigo Castelo Branco (1681).

A região do atual sul de Minas, entre os rios Sapucaí e Grande, era bem conhecida e percorrida, sendo que conexão entre São Paulo e o chamado sertão do São Francisco era já existente, com interligação para os rios Paraopeba, Velhas e Doce. Sabe-se oficialmente que os caminhos do sertão até o rio das Velhas eram já livres e conhecidos, conforme despacho da Junta de Oficiais da Câmara de São Paulo datado de 20-06-1680, é o que nos afirma o historiador Diogo de Vasconcelos (“História Antiga de Minas Gerais” Belo Horizonte, Itatiaia, 1999, p. 79).

A se basear nos mapas do historiador Eduardo Canabrava Barreiros, a expedição de Fernão Dias, partindo de Ibituruna em fins de março ou inícios de abril de 1675, atravessaria ter-



ras dos hoje municípios de nossa região como Bom Sucesso, Conceição da Barra de Minas, São Tiago, Oliveira (Morro do Ferro), Passa Tempo, Piedade dos Gerais, Belo Vale etc. Superaria, para tanto, a travessia de rios caudalosos e ínvios como o Grande, Mortes, Pará, Paraopeba e outros de menor porte.

O grande mérito e legado da bandeira de Fernão Dias foi, segundo estudiosos, consolidar a via de circulação entre São Paulo até a região do Rio das Velhas, culminando com a descoberta de ouro no território das Minas, atraindo legiões de aventureiros e consolidando o povoamento da região<sup>(3)</sup>.

#### NOTAS

1- Autores como Diogo de Vasconcelos discordam, considerando que a região de Pitangui só seria alcançada no final do século XVII. (Fonte "História antiga de Minas Gerais").

2- Segundo o historiador João Pandiá Calógeras, Fernão Dias adotou o método de "estabelecer roças ao longo dos caminhos, verdadeiros depósitos para facilitar a subsistência das bandeiras e elementos de duração para os trilhos frequentados; para prová-lo, basta lembrar o itinerário do governador traçado aproximadamente sobre o roteiro descrito por Glimmer, constituiu, por longo prazo, a estrada de comunicação com as minas de Sabará e, talvez, mesmo com a zona de Diamantina" ("As minas do Brasil e sua legislação" Tomo I, Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 1904, pp. 403/404).

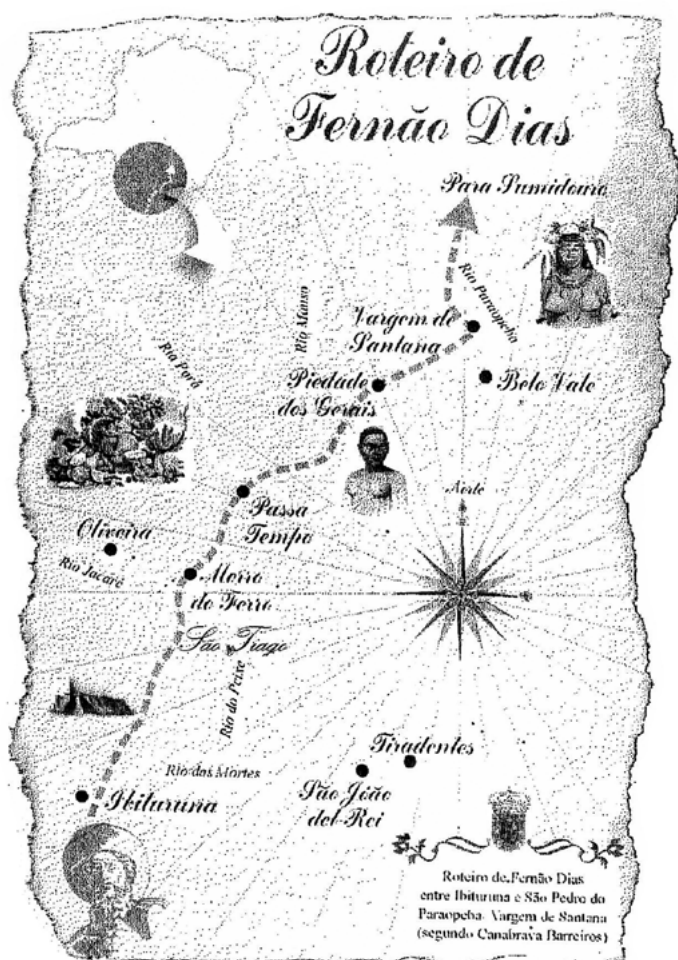
3- Após Fernão Dias, que viria a falecer em 1681, inúmeros outros bandeirantes atingiram os sertões mineiros como Antonio Rodrigues Arzão, Bartolomeu Bueno, Salvador Furtado de Mendonça, Miguel de Almeida, com descobertas pontuais de ouro ou ainda de combate e aprisionamento de indígenas, ocorrendo divergências, entre os estudiosos, acerca de itinerários e/ou correta localização das áreas de minas alcançadas.



A estátua de Fernão Dias na praça do Centro de Ibituruna, no Sul de Minas. Cidade foi fundada pelo bandeirante em 1674, como indica a placa comemorativa dos 300 anos do município (detalhe) (foto: Leandro Couri/EM/D.A Press)

## BANDEIRA DE FERNÃO DIAS EM BUSCA DE ESMERALDAS, QUE DEU ORIGEM A MINAS, COMPLETA 350 ANOS

### ROTEIRO DE FERNÃO DIAS



Ibituruna, Sabará, Brumadinho e Esmeraldas – A multidão se aglomerou no largo do Mosteiro de São Bento, na Vila de Piratininga, para desejar sorte ao abastado senhor de 66 anos que guiaria 40 homens brancos e 600 mamelucos e índios em busca da lendária Sabarabuçu, a reluzente serra de esmeraldas, e da desejada Vupabuçu, a lagoa abarrotada da mesma pedra preciosa. Era manhã de 21 de julho de 1674, o sábado que entrou para a história como o dia em que a bandeira de Fernão Dias Pais (1608-1681) partiu da hoje São Paulo para iniciar a formação de Minas Gerais e ligar economicamente o Norte e o Sul do Brasil.

CAMINHO A tropa saiu de Piratininga, cruzou a Serra da Mantiqueira pela garganta do Embaú e montou o primeiro povoado mineiro. Ibituruna tem, hoje, cerca de 3 mil habitantes. Atrás da Capela do Rosário, uma placa de bronze instalada em 1974 pelo então governador do estado Rondon Pacheco homenageia a data. Atrás da matriz há uma estátua do explorador e outra moção: "Fernão Dias Pais, fundador de Ibituruna, primeiro povoado mineiro". A tropa permaneceu no lugar, à espera do fim da temporada de chuvas, por seis meses. Nesse período, os homens plantaram milho, mandioca e outros.

A 70 quilômetros de Esmeraldas, uma vanguarda da bandeira fundou o segundo lugarejo, conhecido hoje como Piedade do Paraopeba, distrito de Brumadinho e onde vivem cerca de 1 mil habitantes. Dezenas deles vieram de cidades maiores, como o casal Silvânia Gomes e Rossini Santos. Eles são donos da Pousada Matriz, localizada atrás da Igreja de Nossa Senhora de Piedade e no sopé da Serra da Moeda. "Tive um salão há 26 anos. Meu marido, há 20, uma loja de chaves. Trocamos o empreendimento há seis meses e os negócios vão bem", diz Silvânia.

De lá, os exploradores seguiram para a margem direita do Rio das Velhas, onde fundaram Roça Grande, berço de Sabará, cidade com cerca de 130 mil moradores.



# História de Ibituruna



Conhecida como “Berço da Pátria Mineira”, foi o primeiro povoado fundado em Minas Gerais, em 1674, pelo bandeirante Fernão Dias Paes Leme. Este, ao transpor o Rio Grande, estabeleceu o arraial, deixando no local um marco (pedra que marcava a sesmaria) até hoje existente e muito visitado pelos turistas. Segundo Diogo de Vasconcelos, Ibituruna significa “Serra Negra” e, para Martius, “Nuvem Negra”. Em 1962, Ibituruna foi emancipada, passando à categoria de município.

**Memória Histórica de Ibituruna** – Primeiro Povoado Mineiro  
– Todo o Conteúdo faz Referência ao livro (Memória Histórica de Ibituruna, Primeiro Povoado Mineiro) de Maria do Ro-

sário de Pompéia.

## Observações:

– O objetivo da obra é divulgar o pouco que foi coletado sobre o Município de Ibituruna, sem pretensão alguma segundo a autora de escrever um livro de História.



## SOBRE A ORIGEM DO TOPÔNIMO

Ibituruna é a única localidade das fundadas pela Bandeira de Fernão Dias que conserva o seu nome primitivo até hoje. O que é encontrado em documentos são variações que existiram em função do linguajar dos primeiros moradores, os índios e os portugueses, estes últimos trocando o “b” pelo “v” ou também, em registros descuidados e em pronúncias populares, descompromissadas com a palavra correta e com a estética. Essas variações, segundo vários historiadores, são as seguintes: Voturuna, Vituruna (mais antigas), Buturuna, Boturuna, Botrunas, Juvituruna e itaruna. Esta última foi usada em documentos dos oitocentos, em decorrência de um erro gráfico cometido no texto da Lei nº 1663 de 16 de setembro de 1870, referindo-se à Ibituruna. Ibituruna vem do vocábulo Tupy “Ibityr – una” – que significa o “monte negro” a “serra negra”.

O Município foi criado pela Lei nº 2764 de 30 de dezembro de 1962, época em que várias localidades também foram contempladas com a sua emancipação político – administrativa.

Sobre a passagem da Bandeira de Fernão Dias na região de São Tiago, matéria disponível em nosso boletim nº CXVI de Março de 2017.





# Parábolas



## As colheres de cabo comprido

*Dizem que Deus convidou um homem para conhecer o CÉU e o INFERNO.*

Foram primeiro ao inferno. Ao abrirem a porta, viram uma sala em cujo centro havia um caldeirão de sopa e à sua volta estavam sentadas pessoas famintas e desesperadas. Cada uma delas segurava uma colher de cabo bem comprido, que lhes permitia alcançar o caldeirão, mas não a própria boca. O sofrimento era grande.

Em seguida, foram ao céu. Era uma sala idêntica à primeira: havia o mesmo caldeirão, as pessoas em volta, as colheres de cabo comprido. A diferença é que todos estavam saciados.

– Eu não compreendo – disse o homem a Deus – porque aqui as pessoas estão felizes enquanto na outra sala morrem de aflição, se é tudo igual?

Deus sorriu e respondeu: – Você não percebeu? É porque aqui eles aprenderam a dar comida uns aos outros.

### MORAL

Aqui temos três situações que merecem uma profunda reflexão:

### EGOÍSMO

– As pessoas estavam altamente preocupadas com a sua própria fome, impedindo que se pensasse em alternativas para equacionar a situação.

### CRIATIVIDADE

– Como todos estavam querendo se safar da situação caótica que se encontravam, não tiveram a iniciativa de buscar alternativas que pudessem resolver o problema.

### EQUIPE

– Se tivesse havido o espírito solidário, e conjuntamente uma ajuda mútua, a situação teria sido fatalmente resolvida.

**Conclusão:** Dificilmente o individualismo consegue transpor as barreiras da nossa vida, o sentido de equipe, é fator preponderante para o alcance do SUCESSO. Uma equipe participativa, homogênea, coesa, vale mais do que um BATALHÃO de pessoas com posicionamentos isolados.

(Autor Desconhecido)

Que possamos sempre estender nossas mãos em ajuda ao próximo e assim nos tornarmos a cada dia mais felizes, fazendo outros felizes, contribuindo para fazer um mundo bem melhor!!

### A tentação do gnóstico

Encontramo-nos em pleno “retorno do religioso”. Trata-se com frequência de um retorno da “gnose”, isto é, da idéia de que as Verdades mais importantes seriam ocultas, secretas. E que estaríamos em condições de alcançá-las acumulando conhecimentos colhidos de algum grande Iniciado ou de alguma Escola esotérica dispensadora do saber reservado às elites. Por conseguinte, a salvação estaria ligada a um Conhecimento adquirido com a força dos punhos, e não à Graça concedida gratuitamente por Deus. Trata-se do oposto exato do ensinamento do rabino de Nazaré. E é uma tentação de sempre, de toda parte, como o exprime o seguinte poema sikh.



### Fiz do meu espírito a tigela do mendigo

FIZ do meu espírito a tigela de um mendigo!  
Vaguei e, de porta em porta,  
mendiguei o pão do ensinamento,  
enchi a minha tigela das migalhas que caíam  
de cada casa de ensino.  
Eu a enchi ao máximo,  
Ela ficou pesada e eu orgulhoso.  
Pensei que era um pândita.  
Entretive, no meu orgulho,  
o projeto de viajar por toda a terra.  
Meus pés mal tocavam o solo.  
Um dia cheguei aos pés do meu santo.  
Pus uma tigela diante dele  
e lha dei em oferta.  
“Lixo, lixo”, disse-me ele.  
Ele atirou longe as migalhas de pão.  
Limpou a tigela com areia.  
Lavou-a com água.  
E ela tornou-se limpa e liberta  
de todas as sujeiras do ensinamento.

Bhâi Vîr Singh

... E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTACÃO



JESUS EXULTOU DE ALEGRIA SOB A AÇÃO  
DO ESPÍRITO SANTO E DISSE: “EU TE  
LOUVO, Ó PAI, SENHOR DO CÉU E DA  
TERRA, PORQUE OCULTASTE ESSAS COISAS  
AOS SÁBIOS E ENTENDIDOS, E AS  
REVELASTE AOS PEQUENINOS. SIM, Ó PAI,  
PORQUE ASSIM FOI DO TEU AGRADO”.  
(EVANGELHO SEGUNDO SÃO LUCAS 10,21)

# DICIONÁRIO BRASILEIRO DE PRAZOS

Para evitar que estrangeiros fiquem “pegando injustamente no nosso pé”, está-se compilando o “Dicionário Brasileiro de Prazos”, que já deveria estar pronto, mas atrasou. No entanto, conseguimos ter acesso a alguns termos que podem ser de grande ajuda:

**DEPENDE:** Envolve a conjunção de vários fatores, todos desfavoráveis. Em situações anormais, pode até significar sim, embora até hoje tal fenômeno só tenha sido registrado em testes teóricos de laboratório. O mais comum é que signifique diversos pretextos para dizer não.

**JÁ JÁ:** Aos incautos, pode dar a impressão de ser duas vezes mais rápido do que já. Engano; é muito mais lento. Faço já significa “passou a ser minha primeira prioridade”, enquanto “faço já já” quer dizer apenas “assim que eu terminar de ler meu jornal, prometo que vou pensar a respeito.”

**LOGO:** Logo é bem mais tempo do que dentro em breve e muito mais do que daqui a pouco. É tão indeterminado que pode até levar séculos. Logo chegaremos a outras galáxias, por exemplo. É preciso também tomar cuidado com a frase “Mas logo eu?”, que quer dizer “tô fora!”.

**MÊS QUE VEM:** Parece coisa de primeiro grau, mas ainda tem estrangeiro que não entendeu. Existem só três tipos de meses:

aquele em que estamos agora, os que já passaram e os que ainda estão por vir. Portanto, todos os meses, do próximo até o Apocalipse, são mês que vêm!

**NO MÁXIMO:** Essa é fácil: quer dizer no mínimo. Exemplo: Entrego em meia hora, no máximo. Significa que a única certeza é de que a coisa não será entregue antes de meia hora.

**PODE DEIXAR:** Traduz-se como: nunca.

**POR VOLTA:** Similar a no máximo. É uma medida de tempo dilatada, em que o limite inferior é claro, mas o superior é totalmente indefinido. Por volta das 5h quer dizer a partir das 5h.

**SEM FALTA:** É uma expressão que só se usa depois do terceiro atraso. Porque depois do primeiro atraso, deve-se dizer “fique tranquilo que amanhã eu entrego”. E depois do segundo atraso, “relaxa, amanhã estará em sua mesa”. Só aí é que vem o “amanhã, sem falta”.

**UM MINUTINHO:** É um período de tempo incerto e não sabido, que nada tem a ver com um intervalo de 60 segundos e raramente dura menos que cinco minutos.

**TÁ SAINDO:** Ou seja: vai demorar. Os dois verbos juntos indicam tempo contínuo.

**VEJA BEM:** É o Day after do depende. Significa “viu como pressionar não adianta?” É utilizado da seguinte maneira: “Mas você não prometeu os cálculos para hoje?” Resposta: “Veja bem...”

**Xiiiiiiii...:** Se após a frase: Não vou mais tolerar atrasos, você ouvir este som entenda que ele exprime dó e piedade por tamanha ignorância sobre nossa cultura.

Fonte: Internet

## Henri Matisse (1869 – 1954) e seu quadro “O ateliê vermelho”

Além de famoso pintor, Henri Matisse foi um bem sucedido desenhista, gravurista e escultor, obra marcada pela simplicidade, profundidade.

Como pintor com domínio absoluto do vermelho, autor de quadros e painéis célebres como “nu com echarpe branca” (1909), “jovem marinheiro” (1906), “Banhistas” (1907), “O luxo” (1908), “A dança e a música” (1910).

Teve como maiores mecenas o industrial russo Serguei Schchukin, que sempre acreditou na capacidade artística de Matisse e cujas telas decoravam seu palácio em Moscou.

Uma de suas telas, porém, “O ateliê vermelho”, o milionário recusaria, peremptoriamente, por maior insistência do artista. Matisse buscou por todas as formas vendê-la, recorrendo até a turnês por Nova York, Chicago, Boston, Dusseldorf. Simplesmente rejeitada pelos contemporâneos. A Europa simplesmente a recusava

e a criticava.

Finalmente um excêntrico lorde inglês David Tennant a adquiriu para adornar uma boate em Londres a “Gargoyle Club” onde permaneceria por décadas, esquecida em meio a drinks e fumaça de cigarros.

Em 1949, ei-la adquirida pelo diretor-fundador do Museu de Arte Moderna de Nova York, Alfred H. Barr Jr.

Transpondo o Atlântico, exposta no museu, torna-se reconhecida como obra-prima de Matisse e uma das cinco mais importantes da arte moderna.

A criatividade, o magnetismo, o pioneirismo, o dinamismo do notável artista enfim reconhecidos. Incompreendido pelo público e a crítica em seu tempo, comprovou que “o futuro a Deus pertence”.



O ateliê vermelho

### PRINCIPAIS TELAS DE MATISSE:



Mesa de jantar – 1897



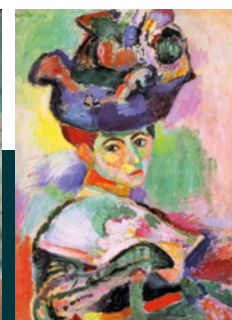
Carmelina – 1903



Mulher lendo – 1894



Retrato de madame matisse – 1905



Mulher com chapéu – 1905



Banhistas com uma tartaruga – 1907



A dança – 1909



Os marroquinos – 1915



## O MESTRE DO DISFARCE

Agosto e setembro passam velozmente dividindo a pista do tempo com os veículos que transportam o resto da vida e os ipês-amarelos. É tudo tão rápido quanto a florada é efêmera: duas semanas, talvez menos em esplendor. Infelizmente assim, pois sempre poderíamos querer mais. Felizmente assim, para não vulgarizar um evento tão espetacular.

Se o pau-brasil é a árvore nacional o ipê pode ser considerado a flor nacional. Suas flores podem vir basicamente nas cores roxa, rosa, amarela e branca, na ordem cronológica de aparecimento. Existe uma variação, o ipê-dourado, cuja cor é indescritível, indo além da beleza do amarelo. Gastar tempo e um olhar mais atento para encontrá-lo é recompensador.

Com um espírito técnico é possível dividir os ipês-amarelos em dois grupos: os rurais e os urbanos. Os ipês urbanos são nossos conhecidos e vizinhos distribuídos pelas ruas e hortas da cidade. Conhecemos seus endereços e mais ou menos seu modo de vida. Quase toda praça tem o seu representante: Largo da Matriz, Praça do Boi, do Rafael, da Igreja do Rosário, do Cemitério, do Campo do Cruzeiro e a da Vila Ozanan. Sentimo-nos com intimidade e liberdade de achar que este ano eles estão atrasados, de declarar categoricamente que na Festa do Café com Biscoito ainda estarão floridos, de falar que ano passado estavam mais bonitos e de tirar mais uma foto anual de sua beleza. É de praxe! Com estes não vivemos uma surpresa e sim um reencontro periódico.

Em tempo, lembrando que a cidade de São Tiago não tem um comportamento excepcional em relação às suas árvores é necessário ressaltar que a pessoa que teve a ideia de integrar o ipê à arquitetura do Forno do Largo da Matriz merece congratulações. Foi um caso de visão além do alcance!

Os ipês rurais estão distribuídos pelos campos da região e constituem um caso exemplar de elemento surpresa. Um autor muito erudito, um bibliófilo, ensinou que a melhor maneira de fazer desaparecer um livro é esquecê-lo intencionalmente numa estante em um canto qualquer e mal iluminado, em uma grande biblioteca. Os filmes de espionagem ou policiais mostram como é fácil um indivíduo se esconder na multidão. Por conseguinte, o melhor lugar para uma árvore passar despercebida é na própria natureza. Isto é o que o ipê-amarelo rural faz com a perfeição de um Mestre do Disfarce. Depois da florada, sem flores e sem folhas, tornam-se indistintos na paisagem por quase a totalidade de um ano. Transmutam-se em invisíveis deixando-se ver como uma árvore trivial, sem charme. Quem vê aquelas árvores disformes e retorcidas, feias, de porte acanhado e com tendência a escurecer a casca sobre o tronco, não pode imaginar o artista ali escondido. Reco-



Ipê do Forno – Fonte: Facebook Memórias de São Tiago

nhecê-lo nesta circunstância é coisa para entendidos.

Uma viagem de carro é o momento propício para o assombro. Como a maioria não viaja diariamente é durante um instante ocasional, um susto, que um batalhão de ipês aparece, explodindo seus soldados na paisagem, como fogos de festa sem

aviso prévio. De São Tiago para São João del Rei ou Oliveira estamos bem servidos, existindo uma boa população desta espécie. O percurso de Belo Horizonte até o antigo Fradique, Posto Juá, é sem graça até Itaguara. Para fugir da Região Metropolitana, superar duas serras e deixar para trás um cantinho do Quadrilátero Ferrífero a paisagem não é estimulante. Na época certa, de Itaguara para frente, lá estão eles pipocando na ondulação da região e distribuindo os cumprimentos de reencontro misturados com o agradável aviso de que estamos perto de São Tiago.

A palavra ipê deriva da linguagem indígena tupi e significa "casca dura". É um nome bastante significativo frente à versatilidade dessa madeira em usos de construção e acabamento. Como madeira nobre e de lei é muito resistente, densa, pesada e dura, dando trabalho para a serra. Apresenta grande durabilidade mesmo em condições adversas, sendo também resistente aos parasitas e umidade. Emite pouco e suportável odor e geralmente é considerada bonita. Sua utilização cobre desde construção pesada até pisos, esquadrias, móveis, instrumentos musicais. Antes do advento do onipresente porcelanato de alta qualidade e apelo estético ter um assoalho em tabua corrida de ipê era um sonho de consumo para muitos.

Com o desaparecimento gradual da Mata Atlântica, seu habitat mais natural, sua condição como espécie botânica ainda não é de em risco de extinção, mas são necessários alguns cuidados e atitudes de controle. No estado de Minas Gerais, e também em outros, o ipê é protegido por lei contra o corte ilegal, transporte e comercialização sem a proteção de licenças e autorizações.

Aquela pequena e esmirrada árvore de ipê na beira da estrada, quase ao alcance de nosso braço saindo pela janela do carro, não sugere de forma alguma a existência de suas irmãs no

meio das matas, com dezenas de metros de altura e tronco com diâmetros maiores que 50 cm, apta a fornecer tábuas, pranchas e vigas.

A obra do homem e a assinatura do homem duram um tempo compatível com seu merecimento. A obra do ipê-amarelo dura o pouco previsto no Projeto da Vida e a sua assinatura, esparramada em um tapete de pontos dourados cobrindo o chão usufruirá o tempo que o vento permitir, para ser admirada.

**Fabio Antônio Caputo**



Ipê na estrada – Fonte: Wikipédia Commons

# Em 2024 o Brasil vai comemorar 100 anos da Coluna Prestes



A Coluna Prestes encerrou-se invicta, inspirou grandes revolucionários ao redor do mundo e conseguiu o feito de tornar-se a maior marcha da história em distância percorrida.

No dia 28 de outubro de 1924, o mais jovem capitão do exército brasileiro, Luiz Carlos Prestes, rebelou-se contra o governo oligárquico do presidente Artur Bernardes, e comandou o levante do 1º Batalhão Ferroviário, na cidade de Santo Ângelo, no estado do Rio Grande do Sul, dando início à Grande Marcha da Coluna Prestes.

A Coluna Prestes foi um movimento de resistência ao governo Artur Bernardes e, ao contrário do que muita gente pensa, o capitão Luiz Carlos Prestes nada tinha a ver com o comunismo naquela época, só aderindo ao marxismo e ao PCB em 1934, ou seja, 10 anos depois da revolução democrática da Coluna Prestes.

O professor Florestan Fernandes, se referindo ao Cavaleiro da Esperança, declarou: “A vida de Luiz Carlos Prestes atravessa a história do Brasil e marca, dramaticamente, os limites da atividade libertadora, nacionalista e revolucionária. (...) Luiz Carlos Prestes não foi do comunismo à revolução. Saltou da revolução ao comunismo. Esse herói caminhou da reforma para a Revolução e fez desta a razão de ser da sua vida”.

Segundo eminentes historiadores, a epopeia da Coluna Prestes entraria para a história mundial como a mais extensa marcha militar já realizada. O ano de 2024 será marcado pelas eleições municipais e também pelas homenagens aos heróis da Coluna Prestes, a maior aventura da História do Brasil.

## 100 ANOS DA COLUNA COSTA/PRESTES:

### A MARCHA QUE FEZ HISTÓRIA

Há cem anos, uma revolta em São Paulo e uma tropa vinda do Sul davam origem à lendária Coluna Miguel Costa/Prestes, que percorreu o Brasil durante três anos e atravessou várias regiões de Goiás.

Mais conhecida apenas como Coluna Prestes - batizada com o nome de um de seus líderes, Luís Carlos Prestes, que viria a ser o principal nome do comunismo no Brasil -, esse verdadeiro batalhão de insurgentes, que estima-se tenha agregado entre 1.500 e 2.000 homens em suas hostes nos momentos em que foi mais numerosa, percorreu o Brasil entre 1924 e 1927 e passou por várias regiões de Goiás em suas andanças. Essa história é narrada no livro *A Coluna Miguel Costa/Prestes em Goiás*, de Horieste Gomes e Francisco Montenegro.

Segundo os autores, a Coluna percorreu cerca de 25.000 km pelo território nacional e em três oportunidades seus integrantes entraram em território goiano. A primeira delas ocorreu em junho de 1925, quando os soldados atravessaram o Rio Aporé, na divisa de Goiás com Mato Grosso do Sul (na época, ainda Mato Grosso), nas proximidades do atual Parque Nacional das Emas, e alcançaram Mineiros. “Quando, em Catanduvas (PR), o batalhão que veio de São Paulo, passando por Campinas e Bauru, encontrou-se com o grupo que veio do Sul, que havia saído de Santo Ângelo e Alegrete, eles estavam sendo perseguidos pelas tropas legalistas. Eles fugiram para o Paraguai e depois retornaram por Ponta Porã. Assim, eles atravessaram o atual Mato Grosso do Sul e chegaram a Goiás”, explica Montenegro.

Montenegro e sua esposa, Vânia, fizeram de carro a maior parte do trajeto da Coluna. “Fizemos 7.200 km em 15 dias”, relata. Um século atrás, esses caminhos eram bem mais árduos e perigosos. A primeira cidade de maior porte de Goiás pela qual a Coluna passou foi Mineiros. Sobre essa passagem pela cidade, o escritor e historiador Martiniano José da Silva publicou o livro *Uma Pausa para a Coluna Passar*, onde também narra um combate sangrento, o primeiro deles no Estado. “Ele ocorreu onde hoje é o município de Perolândia, antes de Jataí. Foi na Fazenda Morada Alta, numa inverno”, descreve. “Tem lá o cruzeiro que marca o local.” Este é um dos poucos vestígios que resistem da passagem da Coluna Prestes pela região. O episódio também é narrado na obra de Montenegro e Horieste.

Em 30 de junho de 1925, os revoltosos foram pegos de surpresa enquan-

to faziam uma pausa na marcha. “Eles estavam sendo perseguidos por tropas legalistas. Eles derrubaram uma ponte sobre o Rio Verde, no povoado do Cedro, para evitar a perseguição. Mas os soldados do governo arrumaram a ponte urgentemente e passaram os caminhões. Os integrantes da Coluna não imaginavam que os inimigos chegariam tão rápido. Foi um dos piores combates. Até hoje ninguém tem certeza de quantas pessoas morreram, mas houve mais vítimas entre os revoltosos do que entre os legalistas”, detalha Martiniano. “Foi um erro, porque não adotamos uma tática justa para guerrilhas”, disse o próprio Luís Carlos Prestes anos depois, em um trecho reproduzido na obra de Montenegro e Horieste.

Depois de passar por Mineiros, a marcha dos revoltosos rumou para Caiapônia, que na época se chamava Rio Bonito, passou por Anicuns, pelas proximidades de Itaberaí (que tinha o nome de Currallinho), de Trindade e Campinas, não muito longe da região onde Goiânia seria fundada. Por já não estarem assim tão longe da cidade de Goiás, então sede do poder estadual, eles receberam mais pressão de forças policiais e de coronéis que dominavam a política local da época. Seguindo adiante, a coluna rumou para a Bahia, passando perto de Formosa e na área onde seria criado o Distrito Federal. A marcha entrou pelo norte de Minas e Sul da Bahia, onde hoje está o Parque Nacional Grande Sertão: Veredas, descendo até perto de São Romão e voltando a Goiás por Mambá.

Daí em diante, a marcha tomou o rumo norte, passando por Posse, São Domingos e chegando a Arraias, hoje Tocantins. Em Arraias, alguns grupos se separaram. Um deles foi até Monte Alegre de Goiás e à área onde hoje está Palmas. Outro foi a Taguatinga, hoje Tocantins. Eles se aglutinaram em Natividade. Seguindo o leito do Rio Tocantins, foram até Porto Nacional, passaram por Pedro Afonso e saíram de Goiás nas proximidades de Carolina, no Maranhão. Começava a fase nordestina da Coluna, que durou até 20 de agosto de 1926, quando ela voltou a Goiás pelo povoado do Duro, atual Dianópolis, hoje Tocantins, onde houve mais uma batalha. Lembrando que é o mesmo lugar onde, em 1918, houve uma chacina por questões políticas, contada no romance *O Tronco*, de Bernardo Élis.

Nesta segunda jornada por Goiás, a Coluna desceu até a região de Planaltina de Goiás, passou perto da atual Luziânia e alcançou Anápolis, onde também houve um confronto importante. O livro de Montenegro e Horieste informa, a partir do diário de campanha de um dos revoltosos, Moreira Lima, que o grupo acampou na Fazenda São Felipe, próximo da cidade, em 23 de julho de 1925. Depois de representantes da cidade terem pedido para a marcha não entrar no centro urbano, houve uma escaramuça em uma estrada que colocou frente a frente dois dos principais comandantes da Coluna, Cordeiro de Farias e João Alberto, com o próprio major Bertoldo Klinger, temido oficial designado para perseguir os rebeldes. Houve mortes, caminhões foram incendiados e a armadilha não teve sucesso.

Rumando para o Sudoeste, a marcha passou perto de Bela Vista e na região onde hoje está Goiânia, alcançou Palmeiras de Goiás e chegou a Rio Verde. Em seguida, voltou a passar perto de Jataí e Mineiros e saiu do Estado por Santa Rita do Araguaia. Houve uma terceira incursão por aqui, mas muito breve, quando passaram pelo Rio Claro e chegaram bem próximo à cidade de Goiás, mas, repelida, voltou a cruzar o Rio Araguaia, de volta ao Mato Grosso. Já era sua fase final e os insurgentes logo foram para a Bolívia, onde se exilaram inicialmente. “Conversando com Horieste, chegamos à conclusão de que essa história está esquecida. Ninguém sabe sobre o tema. Não é ensinado nas escolas, não há eventos sobre o tema. Também por isso decidimos escrever este livro”, resume Montenegro.

## HERÓIS OU VILÕES?

Este é um dos debates mais vivos quando o assunto é a Coluna Miguel Costa / Prestes. Afinal, eram insurgentes que lutavam pela liberdade ou um grupo armado que disseminou o terror por onde passou? Há posicionamentos de ambos os lados. “Infelizmente, ainda há reduzida pesquisa científica direcionada ao conhecimento mais verdadeiro do fato histórico observado quanto à conexão da aparência com a essência”, opina Horieste Gomes. Ele não nega que tenha havido excessos, já que reporta uma medida para inibi-los, tomada pelo próprio Miguel Costa, que na prática era o principal comandante da marcha. “Ele baixou uma circular contendo normas de conduta e punições” visando a “má conduta de revoltosos em termos de ética, moral e extorsão de bens”, afirma o autor.

O escritor Fernando Montenegro também admite que os integrantes da Coluna causavam temores. “Aliás, a própria forma como eles eram chamados levava a isso: revoltosos. A população ficava assustada”. Mas ele não os encara como baderneiros ou criminosos. “A Coluna nunca roubou ninguém. Eles faziam requisições de animais, mas davam um recibo para que as pessoas prejudicadas pudessem cobrar seus direitos quando eles chegassem ao poder.” Ele também não concorda que a violência fosse a regra. “Os donos das fazendas convidavam para almoçar, fazer pousos. Tratavam bem para evitar maldades. E quando elas ocorriam, eram punidas. Certa vez, um soldado mexeu com a filha de um fazendeiro e ele só não foi fuzilado porque o pai intercedeu. Mas o sujeito foi expulso do grupo.”

Outros estudos, porém, vão contra essa versão. Um dos mais famosos é o premiado livro-reportagem *Coluna Prestes: O Averso da Lenda*, da jor-



nalista Eliane Brum, lançado em 1994 e que desconstrói mitos de heroísmo em torno dos comandantes da marcha. Ela refez o trajeto percorrido pelos insurgentes e, entrevistando testemunhas daquela época e colhendo relatos orais e documentais, a repórter afirma que havia muitas lembranças de saques, estupros, destruição de casas e lavouras e linchamentos. Um dos casos citados ocorreu na localidade paranaense de Maria Preta, em março de 1925, quando dois grupos entraram em conflagração e houve várias mortes. Os que tombaram foram enterrados num mausoléu, que nos anos 1980 chegou a ser visitado pelo próprio Luís Carlos Prestes.

Biógrafo daquele que depois ganhou o epíteto de Cavaleiro da Esperança, o historiador Daniel Aarão Reis também adota uma perspectiva menos laudatória daquele movimento. “Esses revoltosos tinham importância, expressavam sentimentos que eram disseminados nas grandes cidades brasileiras. Mas eles tinham uma perspectiva de dar um golpe no sistema. Não passava na cabeça deles uma perspectiva revolucionária, de mobilizar forças populares do campo ou das cidades. A ideia era fazer de uma maneira que eles pudessem, através daquelas insurgências armadas, modificar a correlação de poder”, pondera. “Não passava pela cabeça deles uma revolução social. Queriam modernizar o País, ganhar autonomia, mudar o sistema político, mas não uma revolução social.”

Aarão ressalta que houve episódios em que a Coluna entrou em confronto não com tropas legalistas ou jagunços de coronéis, mas com os próprios trabalhadores rurais que tentavam proteger suas poucas posses. “A Coluna não alterou a relação de forças no campo. Ela só passou pelo campo, não foi um fato de insurgência contra as condições existentes. Ela falou o tempo inteiro para as cidades. Não houve efetivamente um intercâmbio entre os homens da Coluna e as massas camponesas. Havia potencial para isso, mas teria que ser outra coluna, formada por homens diferentes”, considera. “Minha contribuição foi desmistificar lendas. Uma delas, difundida sobretudo pelo Partido Comunista e alimentada pela filha do Prestes, a Anita Leocádia, é que ali havia propostas revolucionárias. Não havia.”

“É verdade que, em determinados momentos, a Coluna cometeu atrocidades. Essas atrocidades não eram celebradas como método, mas reprimidas pelo Comando. Eram situações que aconteciam em represálias a perdas sentidas pelo grupo”, observa Aarão. “Houve muitas oportunidades de choques com comunidades camponesas. Realmente, os membros da Coluna se comportavam em relação à gente do campo como urbanóides. O autor que fez a crônica da coluna, Lourenço Moreira Lima, tinha visões às vezes racistas contra comunidades negras, que se rebelaram contra a Coluna. Não entendiam o que se estava passando.” As pessoas que viram aquilo acontecer e ainda poderiam se lembrar já morreram. Ficaram alguns depoimentos, poucos memoriais e as versões conflitantes.

## OS ANTECEDENTES DA COLUNA

O tenentismo, corrente militar que resultou na revolta de 1922 que ocorreu contra o então presidente Epitácio Pessoa e seu sucessor Artur Bernardes, que já havia sido eleito, está na raiz do que viria a ser não só a Coluna Prestes, mas também a Revolução de 1930, que alçou Getúlio Vargas ao poder. Aquela revolta começou com a insatisfação com a República Velha, sob a égide da política café com leite, com a alternância no poder de representantes das oligarquias rurais, sobretudo de São Paulo e Minas Gerais. Havia uma tensão latente entre esses latifundiários e os militares, que eclodiu com a prisão do chefe do Clube Militar, o ex-presidente da República Hermes da Fonseca. Em 4 de julho daquele ano, o filho de Hermes, Euclides da Fonseca, comandante do Forte de Copacabana, no Rio, revoltou-se.

O local foi bombardeado e os insurgentes ameaçaram fazer o mesmo com a então capital da República. Do total de mais de 300 militares que estavam no Forte, houve rendições e prisões, restando apenas 18 deles, que resistiram por várias horas. Mas ao saírem do lugar para realizar uma marcha pela Avenida Atlântica, em Copacabana, foram cercados e baleados. Do grupo, apenas 4 sobreviveram, entre os quais estavam os tenentes Eduardo Gomes, que viria a ser candidato à presidência da República em 1946, e Siqueira Campos, que dois anos depois seria um dos comandantes da Coluna Miguel Costa / Prestes. Aquele episódio sangrento estimulou que mais membros das Forças Armadas se voltassem contra o governo e integrassem a Coluna, como Cordeiro de Farias e João Alberto.

“O Exército era muito subestimado como força militar, faltava equipamentos, a formação dos quadros era muito precária”, contextualiza o historiador

Daniel Aarão Reis, que escreveu a biografia Luís Carlos Prestes -- Um Revolucionário Entre Dois Mundos. “O Exército tinha que dividir o poder militar com forças públicas e organizações armadas regionais. Isso gerava muita insatisfação, que foi veiculada com grande força pelas patentes inferiores, tenentes e capitães. O Prestes era capitão, por exemplo”, sublinha. “O tenentismo era a favor da queda de Artur Bernardes, que não admitia reformas políticas sociais

institucionais e o advento do liberalismo, com o voto secreto, o voto feminino, a melhoria das condições sociais dos trabalhadores, o aumento do soldo dos militares”, pontua Horieste Gomes.

A Coluna não estava livre de contradições internas. O nome do movimento atesta isso. “Por que a coluna deixou de ser Miguel Costa e virou Prestes?”, pergunta Aarão. “Vejo dois fatores. O comando da Coluna era composto por oficiais do Exército, mas Miguel Costa era membro da Força Pública de São Paulo, capitão da cavalaria. Os oficiais do Exército ficaram incomodados em ser liderados por um homem que equivalia à Polícia Militar. Depois, o Partido Comunista investiu massivamente para tornar Prestes o principal líder do movimento. Miguel Costa integrou-se ao movimento de 30, o que desagradou muita gente nas alas mais radicais da esquerda. Posteriormente, Miguel Costa foi crítico da insurreição comunista de 1935, daí ser considerado uma pessoa a ser apagada”, argumenta.



Escritor Horieste Gomes em conversa com Luís Carlos Prestes no Aeroporto Santa Genoveva. Revolucionário visitou Goiânia para se encontrar com uma das filhas, Ermelinda Ribeiro Prestes, que mora na capital e é entrevistada no livro. Nascida no Rio de Janeiro, ela é a terceira filha do líder da coluna com a sua segunda esposa, Maria Prestes, e se mudou para a cidade para acompanhar o marido, o físico José Nicodemos, professor aposentado da Universidade Federal de Goiás (UFG) (Divulgação)

## PRINCIPAIS PERSONAGENS

Luís Carlos Prestes (1898-1990) -- Capitão do Exército e General Comandante da Coluna, após a marcha entrou para o Partido Comunista e liderou a Intentona de 1935. Foi preso pelo governo Getúlio Vargas e sua esposa, Olga Benário, foi extraditada para a Alemanha nazista, onde morreu. Tornou-se o principal representante do Comunismo no Brasil.

Miguel Costa (1885-1959) -- Major do Regimento de Cavalaria da então Força Pública de São Paulo, ele nasceu na Argentina, vindo para o Brasil ainda criança. Além de liderar a Coluna, ele participou da Revolução de 1930, a favor de Getúlio, e da Revolução Constitucionalista, de 1932, contra o presidente. Refundou o Partido Socialista Brasileiro.

Cordeiro de Farias (1901-1981) -- Foi Coronel-Comandante do 1º Destacamento da Coluna e, após o exílio, engajou-se na Revolução de 1930. Com Getúlio Vargas no poder, galgou cargos e debelou o Levante Integralista de 1938. Participou da Segunda Guerra, comandou a Escola Superior de Guerra e em 1961 chefiou o Estado-Maior das Forças Armadas.

Siqueira Campos (1898-1930) -- Um dos sobreviventes da marcha do 18 do Forte, em 1922, quando foi gravemente ferido, ele comandou o 3º Destacamento da Coluna. Quando o movimento começou, estava na Argentina, retornando ao Brasil. Era uma ponte entre os exilados e os revolucionários de 1930, mas naquele ano morreu num acidente aéreo.

João Alberto (1897-1955) -- Ele comandou o 2º Destacamento da Coluna e seguiu para o exílio após seu término. Mas como vários outros participantes, encontrou a redenção no governo Vargas, sendo nomeado interventor federal em São Paulo e eleito deputado federal constituinte em 1934. Também participou do segundo governo Vargas, nos anos 1950.

Juarez Távora (1898-1975) -- Participante da revolta do Forte de Copacabana em 1922, comandou a 1ª Divisão da Coluna. Subchefe do Estado-Maior, foi preso no Piauí, em 1926, fugindo no ano seguinte. Na Revolução de 1930, organizou forças contra o governo no Nordeste. No governo Getúlio, foi ministro e organizou a FEB na Segunda Guerra. Bertoldo Klinger (1884-1969) -- Coube a ele ser o grande perseguidor da Coluna, levando tropas legalistas por milhares de quilômetros no encalço dos revoltosos. Em 1932, foi o Comandante Militar Supremo da Revolução Constitucionalista de São Paulo. Já nos anos 1960, apoiou fortemente o golpe militar que provocou a queda de João Goulart.



Político Luís Carlos Prestes

# ALGUNS OFÍCIOS E OCUPAÇÕES MANUAIS NAS MINAS GERAIS DO PASSADO E SEU REGISTRO EM NOSSO MEIO

A organização, estruturação e articulação econômica de Minas Gerais são – e sempre foram – essencialmente diversificadas, dinâmicas com a orientação primeira para a produção do mercado interno, sobressaindo-se as unidades produtivas maiores que mantinham, ademais, expressivas exportações para fora da Província, a partir do século XVIII. A Província, com farta mão de obra escrava, desenvolveu significativas ocupações, ofícios artesanais e atividades de transformação, dentre elas a da indústria têxtil, a siderúrgico-metalúrgica, a mineração aurífera subterrânea, ao lado da indústria da derivados da cana (açúcar, cachaça), de laticínios, do tropeirismo etc<sup>(1)</sup>. Tratava-se de uma organização econômica e social complexa com a apresentação de traços típicos ou exclusivos da terra mineira e em termos abrangentes, uma estrutura ocupacional diversificada sintetizando a realidade brasileira do passado.

Listas nominativas, almanaques provinciais, relatos de viajantes estrangeiros servem de substratos para o conhecimento, inventariamento e elaboração das ocupações da época, bem como documentação fazendária, jornais do período, livros literários de ficção ou temática histórica. Assim, muitas obras literárias publicadas no século XIX ou inícios do século XX, ambientadas principalmente em Minas, narrativas ficcionais mineiras dentre elas obras de Bernardo Guimarães, Júlio Ribeiro, Afonso Arinos de Mello Franco, Aristides Rabello, Godofredo Rangel, Cyro dos Anjos, Lúcio Cardoso, Joaquim Felício dos Santos, João Lúcio Brandão, Agripa Vasconcelos... Autores memorialistas, de igual forma, abordam e evidenciam ocupações e ofícios artesanais em suas obras.<sup>(2)</sup>

Os relatos e diários dos viajantes são igualmente profusos e cujo valioso conjunto de informações permitem-nos reconstituir a história social do período colonial-imperial. Incontáveis os itinerários e cobertura espacial das viagens; viajantes das mais diversas origens e heterogeneas nacionalidades; formações acadêmicas as mais variadas; traços individuais singulares; propósitos e motivações de todas as modalidades; visões do mundo e vínculos institucionais os mais diversos. Segundo Fiora Sussekind, as viagens dos viajantes e os relatos produzidos constituíram-se na matéria prima primordial e referência nos processos de formação histórica da ficção romântica nacional, com forte impactação na sociedade brasileira do século XIX (In “O Brasil que não é longe daqui – o narrador, a viagem” – São Paulo, Cia das Letras, 1990)

## NOTAS

1- *O tropeirismo mineiro é, de longe, o mais desenvolvido do País e o que mais redimensionou o transporte e a comunicação em tão vasto território, contribuindo para a formação de núcleos urbanos e a fixação da civilização nos mais distantes ermos das Minas.*

2- *Dentre os 711 homens, o censo de 1831 – Ritópolis – registrou 397 moradores ocupados com atividades rurais e agropecuárias, sendo 10 carpinteiros, 10 sapateiros, 6 pedreiros, 5 ferreiros, 2 seleiros, 2 taberneiros, 1 caldeireiro, 1 negociante, 1 “de ordens” (sacerdote).*

*Dentre as 601 mulheres recenseadas, 265 declararam ser fiadeiras, 53 cozinheiras, além de costureiras, rendeiras, tecedeiras etc. (Fonte <https://ritapolisrioabaixo.wordpress.com>).*

**O FERREIRO** (ferrageiro) – oficial mecânico, geralmente proprietário de oficina ou estabelecimento onde trabalhava peças ou obras de ferro. Atividade fundamental, no passado, na produção e reparos de peças para lavoura, engenhos de açúcar, moinhos, arreatas para tropas. Profissional que atuava no ofício de fabricar ou manufaturar peças, ferramentas, artefactos de ferro. Estabelecia-se nas chamadas “tendas de ferreiro”, via de regra, com um ou dois trabalhadores (ajudantes). Atividade exclusivamente masculina, exercida por indivíduos adultos, livres, em geral por mestiços ou ainda crioulos e brancos. As tendas de ferreiro distribuíam-se por todo o território, tanto em vilarejos quanto no espaço rural, havendo os ferreiros ambulantes. Ocorriam ainda as oficinas ou unidades de ferreiro em fazendas, mormente as de grande movimento, com o auxílio de escravos (período da escravidão) ou de trabalhadores livres (pós abolição).

“O ferreiro empregado para consertar as ferramentas, saiu pouco depois com todos os mineiros que não receberam os seus salários” (Pohl – “Viagem ao Interior do Brasil” BH/SP, Itatiaia/Edusp. 1976, p. 109).

“Reina, entre esses artífices, uma divisão de trabalho que jamais encontrei nalguma outra parte do Brasil, por isso que as gentes que forjam as ferraduras não fazem cravos (...) Em muitas das fazendas por que passamos, observava eu a presença de um ferreiro a trabalhar, pondo-me assim a pensar que tais artesãos deveriam existir em cada propriedade maior. Hoje, porém, fui desiludido, pois que, estando aqui a repousar, chegou um homem ambulante, tangendo à frente uma mula muito estourada à fome e carregada com um par de foles pequenos de ferrador, de um lado e do outro com uma caixa de ferramentas, logo se entabulou negócio com o dono da venda e abriu-se uma velha casinha que continha uma forja de alvenaria. Dentro de pouco, o ho-

mem havia já montado os seus foles e estabelecido sua oficina pelo prazo estipulado de quatorze dias ou mais, caso encontrasse o que fazer. Sua primeira tarefa consiste em limpar a propriedade do mato, transformando-o em carvão; enquanto isso se faz, corre pelas redondezas a nova da chegada ali de tão conspícuo artista” (John Luccock – “Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil” BH/SP. Itatiaia/Edusp, 1975, pp. 262/263).

“Quando Afonso chegou à casa do ferreiro, estava ele na tenda com seu afilhado, ocupados em forjar uma grossa alavanca. Calixto tocava o fole, enquanto Bueno com os músculos e os braços arregaçados, amparado com um comprido avental de couro, que lhe descia do pescoço até abaixo dos joelhos, com a tisanada catadura alagada em suor, empunhava a tenaz caldeando uma pesada barra de ferro em brasa (...) – Pois aqui, estamos às ordens – e dizendo isto o velhote bronte agarrou com a mão direita em um pesado malho e com a esquerda empunhando fortemente a tenaz, arrancou do fogo a pesada barra de ferro e com rápido movimento a levou à bigorna. No mesmo instante, Calixto, largando o fole, empunha outro martelo e começam ambos o tant-tan-tan infernal das tendas de ferreiro (...) Falando assim, o velho levava outra vez o ferro à fornalha e com a chegada o cobria bem de brasas” (Bernardo Guimarães – “O Garimpeiro” SP. Ática, 1974, pp. 252/252).



## ALGUNS AUTORES DE NOSSA REGIÃO – ATIVIDADES E OFÍCIOS MENCIONADOS EM SUAS OBRAS

I – Romance “Pontes & Cia” – João Lúcio Brandão – Belo Horizonte, Livraria Cultural Brasileira, 1944, 2ª ed.

Tuca, estafeta p. 19

Bino, agente do Correio – p. 20

Rafael, pintor e músico – p. 24

João Botica, boticário – pp. 17, 33, 34, 164

Professor (mestre) – p. 24, 68

Joaquim Sacristão

Padre – pp. 16, 59, 139

José Pontes, comerciante – p. 83

Coronel Soares, latifundiário – p. 83

Escrivão – p. 138

Ivo, condutor de boiadas – p. 140, 165

Maria do Rosário e Siá Dica – serviços domésticos em geral

II. “Memórias I – do Belo Vale ao Caraça” – Antonio de Lara Resende – edição do autor, 1970

Antonio Sebastião, fogueteiro – p. 125

Chico Leopoldino, raizeiro – p. 153

Siá Rita, entendida em ervas e homeopatia – p. 144

Família Melos, seleiros p pp. 109, 141

Outras abordagens feitas pelo memorialista: confecção de amêndoas e cartuchos (pp. 117, 119, 120); a comida mineira da Fazenda do Pinhão (pp. 178) 251, 265; Confecção de Quitandas (pp. 64, 65, 77, 82, 114, 121, 122, 163, 196, 197, 269, 346, 379, 390, 396); brinquedos (pp. 70, 133, 266, 371, 268, 272, 273).

**CONTEXTO RELIGIOSO** – Segundo Cintra, os artífices da vila de São João Del-Rei, mesmo não pertencendo a irmandades, eram responsáveis por “ornar e vestir” com pompa e magnificência a imagem de São Jorge que saía na procissão de Corpus Christi. A Câmara de São João Del-Rei determinou em 1821 que o escrivão apresentasse os nomes dos “oficiais ferreiros, caldeireiros e serralheiros” que, avisados com antecedência, deveriam “aprontar o estado de São José para a procissão de Corpus Christi”. Anos antes, tem-se notícia de que o orago fora “aprontado” pelos juizes dos ofícios de latoeiro, ferreiro, serralheiro, ferrador, carpinteiro e pedreiro”. Curioso esclarecer que a procissão de Corpus Christi era realizada com total brilhantismo e esplendor pela Câmara da vila que custeava a festa régia (Efemérides vol. 1, 1982, pp. 164, 225, 235).



# O HOMEM DE TAURED

## Universo paralelo?

## Conheça o misterioso caso do homem de Taured

Em um dia aparentemente normal de julho de 1954, um homem que desembarcou no Aeroporto Internacional de Tóquio, no Japão, apresentando passaporte de um país chamado Tauréd, deu início a uma das lendas urbanas mais famosas das últimas décadas. Teria o misterioso viajante vindo de um universo paralelo?

As dúvidas começaram com o passaporte dele, que parecia legítimo e trazia registros de entradas em diversos países, inclusive no próprio território japonês. Porém, o documento indicava a nacionalidade do portador como Taured, um lugar que ninguém conhecia.

Questionado, o viajante se mostrou irritado, pois dizia que Taured havia sido fundado há 1 mil anos e esteve sempre no mesmo lugar. Os oficiais da alfândega então pediram a ele que mostrasse a localização em um mapa, com o homem apontando Andorra, na Europa, mas insistindo na mesma história.

A pessoa misteriosa alegava que tinha ido a Tóquio trabalhar, mas a suposta empresa contratante não sabia da sua existência, assim como não havia hospedagem reservada em seu nome. Desconfiadas, as autoridades japonesas decidiram colocá-la em um hotel, vigiada por policiais, até investigarem o caso.

## Vindo de outra dimensão?

Tudo ficou ainda mais esquisito quando, no dia seguinte, o homem desapareceu do hotel sem deixar vestígios. Além de dois oficiais vigiando a porta, o quarto não possuía varanda e ficava em um andar mais alto, o que, em teoria, impediria uma saída pelas janelas.

Combinando todos estes elementos, algumas pessoas concluíram que a figura misteriosa era alguém vindo de um universo paralelo, onde o país Taured existia, o que confirmaria a história contada. Ele teria parado nesta dimensão acidentalmente.

Já o sumiço do “homem de Taured”, como o caso ficou conhecido, significaria o retorno do viajante ao seu mundo paralelo original. Vale destacar que as autoridades nunca encontraram mais nada ao seu respeito nem conseguiram explicar o desaparecimento repentino.

## Fraudador teria inspirado a lenda

Mesmo havendo quem defenda a história do homem de Tauréd como real e confirmando a existência de universos paralelos, outros dizem que tudo não passa de uma grande invenção. Especializado na checagem de fatos, o site Snopes investigou o caso em 2021 e afirma que a história é uma grande fraude.

O “homem que veio de outra dimensão” seria, na verdade, um fraudador chamado John Allen Zegrus, preso na capital japonesa em 1960 após usar um passaporte falso para entrar no país. Ele teria criado o documento para percorrer o mundo e, de alguma forma, sua história acabou distorcida.

Zegrus teria conseguido entrar em vários países, mas bastou uma maior atenção dos japoneses para descobrir a fraude. Ele



# Guarda-louças

O guarda-louças é um móvel imponente, de madeira e vidro nas laterais e nas portas da frente. Como o próprio nome indica, foi criado para guardar louças e, por muito tempo, foi imprescindível em todas as residências. No entanto, a partir dos anos 80 e 90, ele começou a ser substituído por lindas cristaleiras, nichos variados e aparadores de diferentes estilos e tamanhos, perdendo de sua utilidade. Hoje, é frequentemente encontrado em colecionadores, em costumes tradicionais e servando a história



Esses móveis costumavam guardar a louça para visitas especiais e eram frequentemente considerados um lugar mágico, sempre fechados e com as chaves cuidadosamente guardadas em outros locais, sob a vigilância dos adultos. O interior era forrado com vistosos papéis, e as prateleiras eram adornadas com rendas e guardanapos de crochê. Dentro deles, encontravam-se lembranças dos avós, memórias de casamentos, aniversários e bodas, como copos, xícaras com estampas de flores variadas, pratos, jogos de chá e café, faqueiros, travessas, enfeites, entre outros itens.

Além dessas relíquias, o guarda-louças guardava a sete chaves diversas coleções: moedas antigas, sementes, folhas secas, chaves sem uso, botões de casaco, retratos de netos, de casamentos, pessoas queridas, lembrancinhas de aniversários, batizados e até de luto. Guardava papéis com nomes de remédios, números de telefones importantes, bulas de medicamentos, documentos. Tudo o que não se pode perder nem usar era colocado dentro desse velho móvel.

O guarda-louças é uma lembrança de pessoas queridas e da história de uma família. Representa momentos de alegria, recordações e saudade. Que a juventude saiba valorizar esses estímulos dos avós, não com julgamentos modernos, mas com carinho, para que a história das famílias continue a ser contada e preservada através dos objetos guardados no guarda-louças.

**Maria Elena Caputo**  
**Membro do IHGST**

## ESTUDANTES MINEIRAS CRIAM PICOLÉ NUTRITIVO PARA AJUDAR PACIENTES EM TRATAMENTO CONTRA O CÂNCER

Produto desenvolvido por alunas e professores de uma faculdade de São João del Rei, no Campo das Vertentes, funciona como anti-inflamatório e fonte de nutrientes, como vitaminas e proteínas.

O tratamento contra o câncer tem efeitos colaterais como fadiga, náuseas, cansaço e perda de peso. Pensando em diminuir desconfortos causados pela quimioterapia e radioterapia, uma equipe de pesquisa de São João del Rei desenvolveu um picolé específico para aqueles que lutam contra a doença.

Inicialmente, 53 pacientes do Centro de Tratamento Oncológico da Santa Casa da Misericórdia de São João del Rei foram os primeiros a testar a iniciativa, desenvolvida em um trabalho de conclusão de curso de estudantes de nutrição do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves (UNIPTAN).

Participam do projeto as alunas Camila Vale, Lidiane Lara e Nádia Miquelina, orientadas pelos professores Douglas Silva e Karine Louvera. A docente explicou o passo a passo do estudo, até que o picolé chegasse aos pacientes:

“Eu trabalhava no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e lá eles já tinham desenvolvido alguns produtos para pacientes que sentiam dores. Ao longo da minha carreira de nutricionista e trabalhando com pacientes oncológicos, que sentiam dores e tinham dificuldades alimentares, pensei por que não desenvolver um produto funcional, que agregasse a questão proteica, a palatabilidade e o baixo custo. Foi assim que conversei com o professor Douglas e passamos a ideia para as alunas e fomos aperfeiçoando, com os ingredientes, até chegar no produto final do picolé”.

### Benefícios do picolé

O picolé desenvolvido na cidade mineira funciona como anti-inflamatório e fonte de nutrientes, vitaminas, proteínas, além de ser um alimento refrescante e saboroso.

*“A escolha do desenvolvimento do picolé foi justamente pensando em ser um produto gelado que ajuda na perda muscular e no desconforto dos pacientes, por causa dos efeitos colaterais da quimioterapia e da radioterapia”, explicou a estudante de nutrição Camila Vale.*

Segundo a universitária, o gelo ajuda a amenizar os desconfortos causados por inflamações na boca e pela parada de produção de sa-



Da esquerda para direita: Santiaguense – Lidiane de Sousa Lara, Camila Fernanda Almeida Vale e Nádia Miquelina Mesquita de Paula.

Formadas em Nutrição pelo UNIPTAN em 12/2023, desenvolveram o projeto juntas em parceria com Universidade. Este projeto foi o trabalho de conclusão de curso.

liva, que geram perda de apetite e de massa muscular. Além disso, o produto reúne ingredientes de alto valor nutritivo, principalmente proteínas.

O picolé é composto por iogurte natural caseiro, ora-pro-nóbis, banana, cacau em pó, essência de baunilha, camomila, leite em pó, açúcar e liga neutra.

O próximo passo será criar versões diferentes do produto e novos sabores, como manga e abacate, sem lactose e sem açúcar.

“O picolé teve 87% de aceitação, envolvendo textura e sabor. Comparando com produtos industrializados, nosso picolé é de baixo custo e tem mais propriedades nutritivas, sendo que os pacientes relataram que gostam de consumir produtos gelados”, analisou a estudante Lidiane Lara.

A ideia é vender ou compartilhar a receita diretamente com os pacientes: “Os ingentes são de baixo custo, e acredito que eles podem fazer em casa”, finalizou Lidiane.





# JOÃO BATISTA DE SOUZA / LEONOR PINTO DA ANUNCIAÇÃO – MORADORES DA PARAGEM DO RIO DO PEIXE – SÉCULO XVIII

João Batista de Souza era natural da Ilha de Santa Maria, Arquipélago dos Açores, onde nasceu em meados do século XVIII. Casou por volta de 1770, em segundas núpcias, com Leonor Pinto da Anunciação (ou Conceição, em alguns registros), natural de São João Del-Rei, filha de Inácio Pinto Guimarães e Felícia Viegas de Menezes. Casal com cinco filhos. Foram proprietários da Fazenda Caxambu, na Aplicação de São Tiago, onde João Batista faleceu em dezembro de 1790, inventário aberto aos 13-04-1791, tendo a viúva por inventariante (1791 – Cx 368 – IPHAN/SJDR).

D<sup>a</sup> Leonor Pinto da Anunciação, por sua vez, faleceu, em novembro de 1803, em sua propriedade Fazenda da Ribeira, aplicação de Santa Rita (Ritápolis) sendo inventariada em 1804 pelo genro Francisco do Vale Ribeiro. Nesta fazenda, D<sup>a</sup> Leonor ditou seu testamento aos 24-10-1803, com inventário aberto aos 16-04-1804.

Os filhos órfãos foram tutelados inicialmente pelo avô materno Inácio Pinto Guimarães e depois pelo tio materno Dionísio Pinto.

## • Filhos do casal João Batista de Souza e Leonor Pinto da Anunciação:

1. Ana Rosa da Anunciação com 16 anos em 1791. Casou aos 01-06-1794 na capela de São Tiago com José da Silva Campos, filho homônimo de José da Silva Campos e Maria de Jesus da Encarnação (Livro de assentamentos de casamentos fls.394).

### Filhos deste casal:

- 1.1. Manoel, legatário da avó materna;
- 1.2. Severino, afilhado e legatário da avó materna;
- 1.3. Plácido José da Silva, b. aos 23-10-1796 na capela de São Tiago. Casou em Franca/SP aos 20-06-1821 com Maria Joaquina da Conceição, natural de São Bento do Tamanduá, filha de José da Silva Rego e Ana Maria de Faria;
- 1.4. Maria, b. aos 26-01-1799 na capela de São Tiago;
- 1.5. Margarida, b. aos 09-03-1801 na capela de São Tiago;
- 1.6. Bernardo, b. aos 21-10-1804 na Ermida de Nossa Senhora do Rosário das Laranjeiras, aplicação de São Tiago;
- 1.7. Florinda, b. aos 20-10-1806 na igreja de Nossa Senhora da Conceição da Barra;
- 1.8. Veríssimo, b. aos 17-10-1808 na igreja de Nossa Senhora de Conceição da Barra;
- 1.9. José, b. aos 27-08-1810 na igreja de Nossa Senhora de Conceição da Barra;
- 1.10. João, b. aos 02-02-1813 na igreja de Bom Sucesso.

2. Januária Maria da Anunciação com 14 anos em 1791. Casou aos 14-06-1794 na matriz de São João Del-Rei com Francisco do Vale Ribeiro, filho de Bernarda da Silva (Livro de assentamentos de casamentos fls. 388) Moradores de Bom Sucesso, onde Francisco faleceu aos 26-05-1836.

### Filhos deste casal:

- 2.1. Maria, legatária da avó materna;
- 2.2. Delfina Maria Ribeiro, casou aos 03-08-1831 na igreja de Bom Sucesso com Pedro José de Souza, filho de Ana Joaquina das Flores, natural da aplicação de Santa Rita (Ritápolis).

3. José Manoel de Souza com 12 anos em 1791. Casou aos 02-08-1800 na capela de São Tiago com Ana Antonia da Assunção, filha de Manoel Marques Pereira e Rita Pereira de Medeiros.

Viúvo, José casou, em segundas núpcias, aos 19-02-1833 na igreja de Bom Sucesso com Maria Bernarda de Jesus, filha de Bernardino José de Sena e Ana Teodora de Jesus.

4. João com 9 anos em 1791. Já era falecido em 1803 (inventário materno).

5. Maria Joaquina de Jesus com 11 anos em 1791. Casou aos 22-02-1796 na capela de São Tiago com Manoel Marques Pereira, filho homônimo de Manoel Marques Pereira e Rita Pereira de Medeiros, np de Manoel Marques Pereira e Rita Pereira e nm de Francisco de Medeiros e Ana Correa da Assunção (família Antonio Alves Duarte).

Maria Joaquina era já falecida em 1803 (inventário materno)

Filho único desse casal, Manoel, foi batizado aos 30-04-1797 na igreja de Bom Sucesso.

Viúvo, Manoel Marques casou, em segundas núpcias, aos 18-02-1811 com Ana Maria de Jesus, filha de Joaquim Pereira dos Santos e Izabel Maria da Conceição.

(Fonte: Projeto Compartilhar – João Batista de Souza / Leonor Pinto da Anunciação)

## BENS DE RAIZ:

– Fazenda Caxambu, na aplicação de São Tiago, em divisas com José da Silva Campos, com terras de planta e campos, casas de vivenda cobertas de telha, paiol coberto de telhas, dois monjolos cobertos de capim, senzalas cobertas de capim – 800\$000.

– Fazenda da Ribeira, aplicação de Santa Rita (Ritápolis) com suas capoeiras e logradouros, composta de casas de vivenda com monjolo e moinho cobertos de telhas – 900\$000

Monte-mór (D<sup>a</sup> Leonor) – 1:947\$912.

(Leonor Pinto da Anunciação – Inventário – 1804 – cx. 455 – IPHAN/SJDR).

**FAZENDA CAXAMBU**, hoje extinta, aparece mencionada em inúmeros registros

“Entre seus bens (Cap. Bernardo José Gomes Carneiro, falecido aos 01-09-1846), terras que foram do Beltrão, dos Fontes, parte da fazenda Caxambu, a fazenda da Mata, que foi antes do Padre Monteiro (e do Capão da Mata) nas margens do ribeirão da Prata, a fazenda do Tanque que foi do Padre Francisco Ferreira da Silva, além da fazenda do Congo Fino com suas benfeitorias...”

“Maria Zeferina de Jesus, batizada aos 26-02-1792 em Conceição da Barra, casou com Miguel Correia de Siqueira. Em 1848 passaram procuração na Fazenda Caxambu, no distrito de São Tiago, termo da vila de São José”

“Feliciano Cardoso de Almeida (ou Andrade) batizada em 15-08-1803, casada com Antonio Joaquim de Almeida. Antonio Joaquim faleceu em 15-04-1861 (...) Entre seus bens, terras no Congo fino, por troca com Francisco José Gomes, na Canjica, na Lage do Caxambu e a casa no arraial de Conceição da Barra” (Projeto Compartilhar – Origens dos Carneiros e Costa Rios)



## O FUTEBOL NA REGIÃO

### O FUTEBOL EM SÃO JOÃO DEL-REI

São João Del-Rei, então uma das maiores cidades mineiras, cognominada “A Princesa de Minas”, incorporaria os modismos oriundos do Rio de Janeiro, dentre tantos o futebol, símbolo da high life local, visto como prática refinada, cosmopolita, de função higiênica e com atributos de disciplina, abnegação, iniciativa, sociabilidade, competitividade.

Em São João Del-Rei, segundo estudiosos, o futebol desenvolver-se-ia, pois, em função do intercâmbio social e cultural da juventude são-joanense com o Rio de Janeiro, então capital do País. Inúmeros jovens da elite são-joanense<sup>(3)</sup> estudavam no Rio de Janeiro, ali absorvendo as novidades europeias, dentre estas o modismo esportivo-futebolístico bretão, correlacionado, então, a comportamentos corporais e atividades sociais correlatas – sede social, bailes, tertúlias, teatro – integrando-se, progressivamente, o futebol ao cotidiano sócio cultural da cidade<sup>(4)</sup>.

O embrião, pois, do futebol são-joanense e região – por volta de 1907 – surgiu das relações estabelecidas entre jovens estudantes locais e rapazes da elite carioca. Com as primeiras bolas de pneu trazidas da Capital do País e as primeiras partidas locais, consolidou-se a ideia de se fundar uma instituição desportiva direcionada ao futebol, surgindo, assim, o Athletic Foot-ball Club (1909), que passaria a se chamar Athletic Club em 1913, uma indicação de que outras modalidades esportivas, a exemplo do vôlei, basquete, tênis, seriam apoiadas pela diretoria; tal sábia estratégia permitiu a sobrevivência, sustentabilidade e expansão da tradicional entidade, ao contrário de muitas outras agremiações que, restritas unicamente à prática futebolística, acabaram por se extinguir. Outra salutar iniciativa da diretoria do prestigioso clube foi incluir a imprensa local como órgão(s) de divulgação das atividades da entidade.

A cidade, então apoucada, conheceria e praticaria, doravante, o futebol – usufruído, avidamente, pela elite e tido

São escassos os trabalhos de pesquisas sobre práticas esportivas no século passado e suas repercussões/transições socioculturais em cidades interioranas mineiras, incluindo nossa região (Centro-Oeste/Vertentes). Assim o futebol, que granjearia impulso junto às elites cariocas nas primeiras décadas do século XX, seria paulatinamente incorporado pelas massas operárias ante a configuração política de identidade nacional – “nova nação brasileira” disseminada pelo varguismo ou “Estado Novo”. Estudiosos entendem que o futebol de várzea ou periferia era uma forma de insurgência contra o elitismo da sociedade. O alargamento da base social e territorial (incorporação de segmentos populares) seria igualmente impulsionado pela imprensa, mormente o rádio, a partir de 1922. Dessa forma, inúmeros clubes surgiram em todas as localidades com suas cores, seus círculos de torcida, rivalidades locais e regionais que compõem, até os dias atuais, o universo simbólico do futebol brasileiro, assunto a merecer maiores estudos por parte de pesquisadores.

Iniciaram-se, ainda, ao final da década de 1910, interior afora, competições entre clubes de cidades vizinhas, levando a um profundo processo de popularização do esporte, angariando paixões, fomentando rivalidades, promovendo igualmente relacionamentos sociais e culturais regionais<sup>(1)</sup>. A prática futebolística improvisada em espaços públicos, as chamadas “peladas”, geraria – por outro lado – queixas e inquietude entre muitos moradores, conforme relatos da imprensa da época.<sup>(2)</sup>

por muitos como um esporte “violento”. A diversificação de modalidades esportivas e sociais pelo Athletic, como já anotamos, permitiu-lhe e assegurou-lhe a consolidação, modernidade e exaltação até os dias atuais. Os clubes eram administrados, via de regra, por membros da elite, ocupantes de destacadas posições na hierarquia social local. Assim, o caso do Athletic F.C. que teve, como diretores em seus primeiros tempos (1909 a 1925) a predominância de advogados, médicos, capitalistas, comerciantes, farmacêuticos etc. A associação ao clube (Athletic F.C), como se deduz de seus estatutos e atas de reuniões da diretoria, era, ademais, altamente seletiva, só se concretizando com o pagamento compulsório de joia (título de associado), além da cobrança de taxas e mensalidades; um candidato para se associar deveria ser apresentado/avalizado por outro associado já pertencente ao quadro social e a proposta ser referendada pela assembleia geral do clube.

Em 1916, era criada a comissão do campeonato da cidade, denotando tal iniciativa a relevância quanto à prática e evolução do futebol na cidade.



**NOTAS**

1- A introdução do futebol no Brasil, embora o caráter elitista e sua prática inicial por círculos seletos de participantes, coincidiu com o projeto "modernizador" republicano do final do século XIX e inícios do século XX. As cidades prosperavam economicamente, ganhando corpo, ademais, as ideias de sociabilidade, de práticas esportivas como sinônimos de "modernidade", "civilidade", "eugenia". Um período de transformações socioculturais denominado de "belle époque", onde o Rio de Janeiro, então capital do País, irradiava sua influência modernizadora e urbanizadora por todo o interior do País. Processo que seria reconfigurado pela ditadura varguista, com a chamada "nova nação brasileira", a busca de nova identidade nacional com a incorporação de massas trabalhadoras, a espetacularização de eventos (dentre eles o futebol), a ocupação de espaços públicos, por força da incorporação de classes populares.

2- O jornal "A Tribuna", ed. m. 12, de 10-11-1914 abordava o assunto: "Continua em franco progresso o jogo do "foot-ball" em plena rua na cidade, quebrando vidros e levantando uma poeira horrível que muito incomoda os moradores dos lugares preferidos para este sport..." Ainda o citado jornal "A Tribuna" em sua edição n. 24, de 27-12-1914: "Os moradores do Largo da Câmara, por nosso intermédio, pedem aos senhores fiscais lançarem um rápido olhar para o referido Largo (...) Reclamam contra o desenfreado foot-ball de que ali se tornou campo".

3- Um desses jovens, o Dr. Joaquim Martins Ferreira, médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, fora consagrado goleiro do América F.C (campeão carioca nos anos de 1913 e 1916) e ainda da seleção brasileira nos anos 1916-1917. Formando-se em Medicina em 1916, Dr. Martins Ferreira integrou-se aos quadros médicos da Santa Casa de Misericórdia de São João Del-Rei e um dos grandes incentivadores do futebol local, atuando como goleiro do Athletic Club.

4- São João Del-Rei contava desde 1881 com os serviços da Estrada de Ferro Oeste de Minas, tornando-a ainda mais próxima do Rio de Janeiro, bem como ampliaria sua condição de cidade-polo regional e mesmo estadual, estendendo sua influência social, cultural, econômica por vasta área do interior mineiro, lembrando que a citada ferrovia ia até Paraopeba. Já em 1888 a cidade contava com serviços de água encanada, telefonia (1913) e iluminação elétrica (1900).

A existência da Estrada de Ferro Oeste de Minas-EFOM, dada a sua extensividade e vascularidade, com tráfego diário e regular de trens, permitia, então, que comitivas desportivas se deslocassem e transportassem atletas e materiais esportivos de forma segura, cômoda e ágil, disseminando-se o futebol por amplas áreas do território mineiro, tendo São João Del-Rei como epicentro.

**CLUBES ESPORTIVOS DE SÃO JOÃO DEL-REI:**

• Athletic Club, fundado aos 27-06-1909, um dos mais antigos do Estado de Minas Gerais. Seu primeiro presidente e fundador foi Omar Telles Barbosa. Disputa atualmente a primeira divisão do Campeonato Mineiro. Já em 1918, o Athletic filiava-se à Liga Metropolitana de Desportos Terrestres com sede em Belo Horizonte, proporcionando oportunidade ao clube de participar de torneios, taças e jogos intermunicipais.

O Athletic Club, na condição de sociedade anônima de futebol-SAF, é hoje propriedade da empresa V2 Participações de Belo Horizonte. É alcunhado o "Esquadrão de Aço", tendo seu estádio "Joaquim Portugal" para atividades desportivas e sede social no centro de São João Del-Rei.



• 1915 – Fundação do Internacional Foot-Ball Club

• Minas Foot-Ball Club, fundado aos 15-08-1916, que contaria com o apoio de dissidentes do Athletic Club



• Club Desportivo Esparta criado em 1914 no Ginásio Santo Antonio – formado por alunos deste tradicional educandário

• Social Futebol Clube fundado aos 15-09-1939, tendo seu estádio "Paulo Campos" no bairro Matozinhos

**RESENDE COSTA**

Segundo o historiador José Maria da Conceição Chaves, o primeiro clube (agremiação esportiva) de Resende Costa foi o Resendino Foot ball Club, fundado aos 20-10-1918 ("Memórias do antigo arraial de Nossa Senhora da Penha de França da Lage, atual Resende Costa" R.Costa, Amirco, 2014, p. 125). O Expedicionários RC, um dos mais tradicionais clubes esportivos da região, fundado, por sua vez, aos 07-05-1946, tendo como idealizador o sr. Antonio Argamim de Freitas (Totonho do Sô Bico). A denominação do clube é uma homenagem aos pracinhas brasileiros, vários deles naturais de Resende Costa, que lutaram bravamente na II Guerra Mundial.



## BOM SUCESSO

“A primeira sociedade esportiva foi organizada nesta cidade pelo sr. Cândido Dutra de Moraes, inaugurada em 10 de junho de 1917, o Bom Sucesso Futebol Clube” a que se sucederam outros clubes como o XV de Novembro, fundado em julho de 1946, de considerável tradição e reputação em todo o Estado. “O Bom Sucesso Futebol Clube funcionou até 1955...” (Castanheira Filho – “História de Bom Sucesso” pp. 162/163).



## OLIVEIRA

O futebol se institucionalizaria em Oliveira em abril de 1916 com a fundação do Oliveira Sport Club, que realizaria suas partidas no Prado “Coronel Xavier”, área então destinada ao turfe/hipismo. O futebol espalhar-se-ia, à mesma época, para diversas localidades do Oeste mineiro, a saber: Divinópolis (1916); Itaúna (1915); Bom Sucesso (1917); Dolores do Indaiá (1918); Itapetecica (1918); Carmo do Cajuru (1919); Formiga (1919); Pitangui (1919); Santo Antonio do Monte (1920); Piumhi (1921) (Fonte: Daniel Venâncio Amaral – “História do futebol em Divinópolis” pp. 90/111).

O Social Futebol Clube, tradicional agremiação de Oliveira, seria fundado aos 20-01-1946.



## CONCEIÇÃO DA BARRA DE MINAS

O primeiro time concepconense foi o Guarani, fundado em 1932. O Santa Cruz, um pouco tempo depois do Guarani, sendo reestruturado em 1939 (Antonio Gaio Sobrinho – “Memórias de Conceição da Barra de Minas” SJDR, 1990, p. 157)



## PASSA TEMPO

Segundo o historiador Antonio Pedro da Silva Faleiro, o futebol foi introduzido em Passa Tempo em 1919 pelo Dr. Wander de Andrade, ex-craque do Paulistano (SP), com apoio de seu irmão Bolivar de Andrade e do telegrafista Nardir, sendo constituído então o Passa Tempo Futebol Clube, bem como iniciada a construção de seu estádio. O primeiro jogo oficial do Passa Tempo FC ocorreu em 05-06-1921 contra o Conquistano FC de Itaquara.

Outro clube tradicional de Passa Tempo é o Fita Azul Esporte Clube, fundado em 08-12-1956, iniciativa do então vigário Pe. Jair Pereira e ainda o Independente Futebol Clube fundado (registro em cartório) em 01-12-1989 (“Passa Tempo através do tempo” 2010, pp. 104/112).



## SÃO TIAGO

Sabe-se, pela oralidade, que o futebol era já praticado localmente desde a década de 1920. O Tupinambás F.C. tradicional agremiação local, já atuava na década de 1940. Sua operacionalização formal, contudo, parece ocorrer aos 03-07-1955, conforme “Ata da Primeira Reunião da Diretoria do Tupinambás F.B.C”, então presidida pelo sr. Gabriel José de Souza Cruzeiro E.C fundado em 1955.

Outros clubes locais: Aliança FC, Guarani FC, Natal etc. (alguns extintos)

No distrito de Mercês de Água Limpa, registram-se as agremiações;

Outras fontes para a presente matéria:

“História do futebol no Oeste de Minas Gerais” – Daniel Venâncio O. Amaral, Ed. Dialética

“Modernidade em São João Del-Rei: o caso do Athletic Club” – Euclides de Freitas Couto.





(Fonte: Facebook  
Grupo Memórias de São Tiago)

Time do Tupinambás  
Década de 1950

## O JOGO DO ANO TUPINAMBÁS X ATHLETIC



2 X 2



Não havia assunto mais comentado, mais badalado por aqueles tempos. Década de 1950. A novidade, qual uma faísca incendiária, chegando aos mais remotos cantos do município e adjacências<sup>(1)</sup>.

O estádio do Tupinambás F.C de terra batida, recebera já primoroso trato, devidamente capinado, linhas laterais, mastros, bandeirinhas e gols caiados, faxina geral à espera do famoso "Esquadrão de aço", glória do futebol são-joanense e de toda a região. Clubes da estirpe do Athletic tinham/tiveram considerável influência na evolução cultural, social e desportiva de toda a região. O time local contava igualmente com um celebrado repertório de craques, em sua maioria operários braçais ou agricultores, sem maiores tratos com chuteiras, algo uma novidade

para a época, a que se viram forçados a usar, dado o fascínio da momentosa partida. As sapatarias da cidade, sob a direção de Gustavo e Inácio Pantaleão, tiveram muito serviço na confecção e/ou reforma das dezenas de chuteiras.

Recepção calorosa aos visitantes com direito a lanches. Juiz vindo de cidade vizinha.

O jogo, previsto para as 15:00 h, encetado com foguetes, discursos, loas, troca de flâmulas. Iniciada a partida, questão de minutos, o esquadrão visitante marca dois gols. Vicente Mendes, grande empresário local e dirigente do Tupinambás, pede a suspensão da partida, determinando a seus atletas jogassem descalços, qual o faziam rotineiramente. Chuteiras lançadas fora das quatro linhas, permitindo ao clube local equilibrar o jogo, que terminaria em um empate.

### NOTAS

1- Embora reze a oralidade local quanto à realização de tão comentado jogo, não encontramos nos registros do Athletic e ainda na literatura e história regional (obra "Historiando o Esquadrão de Aço", editada em 1985, autoria de Astrogildo Assis) referências à citada peleja. Estaria equivocada a oralidade futebolística local? Teria sido a partida com um time misto do Athletic? Algum outro clube de São João Del-Rei?

Fica a dúvida a esse respeito.

Memorialistas locais como Maria Elena Caputo Castro, bem como moradores mais antigos, fazem sim menção à presença do time do Athletic em nosso meio.

Jornal "O Correio" de São João Del-Rei, edição de 08-05-1941, 5ª feira.

"Domingo último, o Americano de São João Del-Rei veio a São Tiago para uma partida com o Tupinambás. Ficou no empate de 3x3. O Tupinambás, sem contar com Jasminor, jogou com o zagueiro Gostoso. Juiz: João Carvalho. Tupinambás: Gostoso, Nestor e Benjamim; Alberto, Miguel e Simão, Lavá, Olegário, Coruja, Paulo e Guaqué" Do correspondente Vicente – São Tiago, 5 de maio de 1941 (Pesquisador: Antonio Gaio Sobrinho).



★ 30/07/1947 † 23/07/2024

## Registro de falecimento

COM PESAR REGISTRAMOS OS FALECIMENTO DE:

**Antônio  
Eustáquio  
de Resende**

•Sr. Antônio Eustáquio de Resende,  
conhecido como Toninho do Zezinho.  
Nosso assíduo leitor.

SENTIMENTOS AOS FAMILIARES.

# AO PÉ DA FOGUEIRA



## A MULHER DE BABY DOLL

(relato/experiência de conterrâneo, então investigador da polícia civil, aí pelos anos 1990) Ali na rua, de campana, de tocaia, fantasiado de gari, buscava o melhor momento para agir. Investigador lotado na delegacia central, especializada em defraudações, fora escalado para acompanhar - ou seja rastrear - os passos de criminoso contumaz, acusado e já condenado à revelia por vários golpes contra financeiras, imobiliárias, empresas mercantis da cidade e que, supostamente, estava se homiziando na residência em frente. Sabe-se lá por que, tinha o apelido de Desbotado. E sobre quem havia já tentadores prêmios pela captura. E que se mostrava, até então, esquivo a toda sorte de localização. Farsante à solta que utilizava-se de várias identidades falsas, conseguindo assim ludibriar os investigadores. A muito custo, conseguira uma pista. Eis a missão, para a qual estava ali, desde a madrugada anterior, à espreita, com apoio de um colega detetive... Uma das atuais - e das muitas - companheiras do estelionatário fora vista pela região, entrando em uma casa adjacente e onde está a corda deve estar a caçamba, reza o ditado. Uma consulta à imobiliária locadora e eis o imóvel recentemente alugado em nome de um homem. Decerto, mais um de seus nomes falsos ou de algum laranjã!

- Há dias não vejo movimento na casa, informou, porém, o vizinho ao lado.  
- Tenho visto algum movimento, sim, parece-me que um casal mudou-se para cá, há alguns dias, afiançou uma vendedora de salgados com um trailer nas proximidades. Anterior às 6:00 horas, manhã clara, observara um princípio de movimento na residência. A cortina que se entreabre. Uma luz no quarto, ao fundo, acesa. Sinal de que algum morador, até mesmo embotado ou desbotado, ou seja, o procurado, ali se encontrava.

- Dessa você não me escapa, pensa, taciturno, o investigador.  
Com o aparelho de escuta acoplado à rede telefônica, ouve e intercepta vozes, inclusive masculina. Alguma conversa entre moradores, um telefonema, decerto. Aguarda mais alguns instantes. Na kombi descaracterizada ali perto, troca de roupa. Veste-se agora socialmente. Adentra a cancela, toca o interfone. Silêncio, por algum tempo. Insiste, por vezes até que uma voz feminina atende.

- Da imobiliária, se identifica. - Preciso colher a assinatura do locador... Franqueada a porta, se deslumbra. Uma mulher morena, jovem, sorridente, atraente, à sua frente. Uma deidade, vestida tão somente com um baby doll de cetim, cor esverdeada, coleante, bordado de linhas prateadas. Janelas semiabertas, o vento traquinas, caprichoso interpõe-se, enleia-se nas dobras do baby doll, descortinando contornos, formas voluptuosas, seios pontiagudos, exuberâncias, territórios de tentações...

- Sou funcionário da imobiliária. Preciso de uma assinatura de seu marido, informa, dissimulativo.  
- Trata-se de mera formalidade contratual  
- Ele não está, no momento. Está no batente...  
- A que horas posso encontrá-lo, minha senhora?  
- Não sei... somente mais tarde... O senhor poderia deixar o número de seu telefone comigo e assim que ele chegar e puder atendê-lo, comunico-lhe, de imediato... Número de celular repassado à luxuriante e atrativa mulher, ganha a rua. Desconfia, todavia. Tem trela nessa história. Afinal, ele ouvira pelo aparelho de escuta, há pouco, vozes masculinas na casa. Decerto, uma estratégia ou ganha-tempo daquela insinuante mulher para o homem escapar, decerto pelas laterais ou fundos. Permanece de tocaia, ocultando-se estrategicamente atrás de um furgão, permitindo-lhe vislumbrar a entrada e saída de pessoas da casa.

Passados algum tempo, o telefone toca. Do outro lado da linha, a interlocutora, voz melíflua, sedosa, informa-o de que, embora não tivesse localizado o marido, este poderia atendê-lo a partir das 17 horas, quando retornaria à casa. Isto é, acaso não houvesse imprevistos no trabalho, no trânsito...

O imóvel suspeito seguramente contava com câmeras voltadas para a rua ou até mesmo com olheiros vizinhos. A moradora ou moradores, decerto, numa tentativa

de evasão, teriam tomado alguma atitude de momento... Criminoso procurado, tinha lá suas estratégias, estando na expectativa, a todo momento, de evadir-se. Um jogo de xadrez. Táticas de gato e rato.

Passado algum tempo, toma uma decisão. Sem esperar, dirige-se novamente à casa. Recebido, da mesma forma, pela mulher em trajes íntimos. O mesmíssimo baby-doll de cor esverdeada. Só que, desta vez, observando, ouvindo e ativando melhor o olfato (talvez não analisara bem antes) a apresentação era em grau superlativo. Cabelos cuidados, cheiro de banho, mãos bem tratadas, todo o visual no capricho e, ah! o perfume... Perfume inebriante, narcotizante a derramar-se pelo interior da ampla sala, ativado pela brisa fresca, adentrando narinas, pulmões, o cérebro; e que não vinha só: era acompanhado pelo olhar luminoso, aflante, audacioso daquela mulher, alcançando-lhe, abocanhando-lhe cheio o corpo. Ao fundo, música suave, langorosa...

Um imenso poster da atriz Sônia Braga, em trajes edênicos frontais - podia-se observar e se deslumbrar - tempos aqueles em que a mesma era uma musa e estereótipo da sexualidade e liberalidade feminina, ocupando toda a parede em pôse erótica, libidinosa. Cortinas franqueadas pela aragem, permitindo vislumbrar singular abajur indiano, com figuras igualmente fesceninas, sobre a mesa.

Convida-o a entrar, ao que ele resiste. A mulher insiste. Realiza volteios, malabarismos sensuais à sua frente, o voluptuoso corpo à mostra. Solta os cabelos de forma cuidadosa, estudada, provocativa, aproximando-se ousadamente do visitante, jogando os fios enleantes, envoltivos praticamente sobre o rosto do visitante... Aquela tez de pele morena, incógnita como a noite, aquele aroma...

Esclarece, excitadora: - Meu marido, conforme disse, saiu cedo e só retornará pelas 17 horas ou mais... Pude ver que o senhor, ainda há pouco, gostou muito de meu baby doll... Tanto assim que o senhor retornou, sabendo que estou só... Algo para mim lisonjeador...

Percebera, desde que chegara ao local, agora com maior expressividade, ao centro da sala, uma fruteira exuberante, pejada de frutas - abacates, melancias, kiwi, maçãs... Uma cilada, uma indicação de luxúria, alguém com necessidade de afirmação ou com alguma indigência pessoal-emocional, uma ninfomaniaca - o que seria?

- O senhor, acaso, deixou de gostar do meu baby doll cor de abacate?! Percebi-lhe um certo entusiasmo, senão avidez ainda há pouco...

- Gostei muito da cor..., tenta se esquivar, reticencioso.  
- Mas e do fruto?  
- Não sou afeito a abacate.

- Que tal, então, um kiwi? Bem leve, adstringente, exótico você apreciará, sem dúvida... (exibindo langorosamente uma dessas frutas, levando-as aos lábios).

- Não sou entendido nessas frutas diferentes...

- Ah, a maçã... (momento em que toma uma das maçãs à mesa, mordiscando-a, trazendo nos dentes um naco até à boca do visitante).

- Também não sou muito dado a maçã, desconfia uma vez mais.

- Uvas... Ah, porque não me lembrei delas antes. Um cacho deslumbrante esse para você degustar, aos poucos, desvairar até uva a uva... Estão maduras, apetitosas, totalmente ao alcance da raposa...

Um movimento súbito do imóvel ou vizinhança retira-o do entorpecimento em que se achava. O abrir de uma janela, quem sabe... Afasta-se dali, num átimo, lobrigando alguém saltando já a amurada. Tempo suficiente para, com a ajuda de seu colega, à espreita, alcançar o cidadão - há tanto procurado - pelas autoridades e que buscava escapar pelo parapeito da janela lateral, enquanto a insinuante companheira, com a isca de seus encantos e recantos, tentava despistar e magnetizar o caçador investigador...

A captura do estelionatário renderia prestígio e promoção ao nosso policial. Quanto às frutas, suas variedades e qualidades, ah, questão de gosto, de bolso - o mercado, afinal, anda abarrotado...

Realização:



Apoio:

